

Imago

LESEN

PHOTO
FESTIVAL

10.10.
– 2019
17.11.

CONVENTO da GRAÇA

RETROSPECTIVE PENTTI SAMMALLAHTI

CARPINTARIAS DE SÃO LÁZARO

NOVAS VISÕES

NEW VISIONS

MUSEU DA ÁGUA

CONSTRUINDO PONTES

BUILDING BRIDGES

OUTROS ESPAÇOS

OTHER SPACES

5	Apresentação / Introduction
7	Palavra do presidente da CM Lisboa
9	Palavra da veeadora da cultura da CM Lisboa
11	Pentti Sammallahti – Retrospective
19	Novas Visões / New Visions
20	Jon Casenave
24	Demetris Koilalous
28	Filippo Zambon
32	Shen Chao-Liang
36	Jonathan Lense
40	Melanie Walker
44	Malú Cabellos
48	Katrien de Blauwer
52	Liza Ambrossio
56	Nydia Blas
60	Laurence Rasti
64	Virginie Rebetez
69	Construir Pontes / Building Bridges
70	Augusto Brázio
74	Luisa Ferreira
78	Pedro Letria
82	São Trindade
87	Recordar Penha de França
91	Outros Espaços / Other Spaces
92	Pauliana Valente Pimentel
94	Narrativas fotográficas do Intendente
96	Inês d'Orey
98	Fernando Marante
100	Joseph la Mela
102	Margarida Dias
104	Maria Costa
106	Projeções / Projections
108	Photobook Club Lisboa
109	Photo Folio Review
110	Biografias / Biographys
113	Translations
125	Ficha técnica / Imprint
126	Parceiros / Partners
127	Patrocínios / Sponsors
128	Agradecimentos / Thanks



IMAGO LISBOA APRESENTAÇÃO

SENSE OF PURPOSE OF IMAGO LISBOA

To provide the city with a regular photographic event which enhances the different photographic practices, and in a short term make it an international reference.

Photography is currently one of the most striking forms of representation / reproduction of the world around us. It has achieved a democratic accessibility which was never reached before. It is, therefore, an excellent working tool in different areas of society and socialisation.

The festival Imago Lisboa uses the photographic device to aim reflexion around contemporary society. The participation and involvement of artists and citizens will allow a healthy confrontation of ideas and debates, which will certainly create a cultural enrichment for the participants.

The set of scheduled activities seeks, naturally and primarily, to target an audience more associated with the medium. However, we consider it essential to schedule activities for the so-called large public and of different age levels.

Succinctly, we can say that three essential aspects are taken into account in the set of the exhibitions: to raise awareness of the current authors of recognised international relevance, to promote Portuguese artists and their international circulation and to retrieve memories and produce new documentary records that contribute to the development of citizenship and to a greater awareness of the levelling of social asymmetries.

With the fast technological evolution of the photographic device and capture, it is important to reflect on the consequences in the artistic creation and in the society itself. For this purpose, there are conferences and round tables scheduled, which will take place in the academy and in other less conventional spaces, in order to reflect on the different contents.

With this first edition we want to sow the seeds that allow us to create solid roots and sustained growth.

Rui Prata
Artistic Director

RAZÃO DE SER DE IMAGO LISBOA

Dotar a cidade de um acontecimento fotográfico regular, que potencialize as diferentes práticas fotográficas e obtenha referência internacional no curto prazo.

A fotografia constitui, na atualidade uma das formas mais marcantes de representação / reprodução do mundo que nos rodeia. Atingiu uma acessibilidade democrática nunca anteriormente alcançada. Constitui, portanto, uma excelente ferramenta de trabalho em diferentes domínios da sociedade e da socialização.

O festival Imago Lisboa recorre ao dispositivo fotográfico com o objectivo de contribuir para a reflexão em torno da sociedade contemporânea. A participação e envolvimento de artistas e cidadãos permitirá um confronto saudável de ideias e debates donde sairá, certamente, um enriquecimento cultural para os participantes.

O conjunto de atividades programadas procura, natural e prioritariamente, visar um público mais associado ao médium. No entanto, consideramos fundamental programar atividades para o chamado grande público e de diferentes níveis etários.

Sucintamente, podemos explicitar que o conjunto de exposições tem em conta três vertentes essenciais: dar a conhecer autores atuais de reconhecida relevância internacional, promover um maior conhecimento e circulação internacional dos artistas portugueses e recuperar memórias e produzir novos registos documentais que concorram para o desenvolvimento da cidadania e maior sensibilização para o nivelamento de assimetrias sociais.

Com a acelerada evolução tecnológica do dispositivo e captação fotográfica, importa refletir sobre as consequências no fazer artístico e na própria sociedade. Para tal, estão agendadas conferências e mesas redondas, a ter lugar na academia e outros espaços menos convencionais, a fim de se refletir sobre os diferentes conteúdos.

Com esta primeira edição desejamos lançar as sementes que permitam criar raízes sólidas e um crescimento sustentado.

Rui Prata
Diretor Artístico

To have a Photography Festival in Lisbon, which aims to be regular, of international scope and open to the participation of the population, is something that deserves recognition by the City Council, not only for the significant increase in quality that is given to the cultural enjoyment of the citizens and those who visit us, but also by the optimisation of the different photographic creative practices.

Imago Lisboa represents a significant contribution to the reflection on the contemporary society, having the virtue of simultaneously transforming Lisbon as a place of reference and attaining visibility in the circuit of international photography festivals.

To hold a festival with the characteristics of IMAGO Lisboa is not only a wide-spread and sought after artistic modality, but it may also favour the understanding of Lisbon as a cosmopolitan capital in which arts and culture play a clear role of attractiveness and distinction.

Initiatives that bring other perspectives and other experiences about the world are fundamental, which arouse the so known Portuguese curiosity to reach the unknown and make it their own.

Fernando Medina
Mayor of the City Council of Lisbon

A organização de um Festival de Fotografia em Lisboa, que pretende desde um primeiro momento ser regular, de âmbito internacional e aberto à participação da população, é algo que merece o reconhecimento por parte do Município, não só pelo acréscimo significativo em qualidade que se dá à fruição cultural dos Lisboetas e dos que nos visitam, mas também pela potencialização das diferentes práticas criativas fotográficas.

O Imago Lisboa representa um significativo contributo para a reflexão em torno da sociedade contemporânea, tendo a virtude de, em simultâneo, transformar Lisboa como lugar de referência e visibilidade no circuito dos festivais internacionais de fotografia.

Sendo uma modalidade artística amplamente difundida e procurada, a realização de um festival com as características do IMAGO Lisboa pode favorecer a compreensão de Lisboa como uma capital cosmopolita em que as artes e a cultura desempenham um claro papel de atratividade e distinção.

São fundamentais as iniciativas que tragam outros olhares e outras experiências sobre o mundo, que despertem aquela curiosidade que os portugueses sempre tiveram de alcançar o desconhecido e fazê-lo próprio.

Fernando Medina
Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

The particularities of the Imago Lisboa Festival are its strategy. Firstly, by highlighting a name from international photography, in this case the Finnish Pentti Sammallahti, who was also professor of Art and Design at the University of Helsinki; besides the addition of this author, there is a set of “new visions”, a heterogeneous sum of the work of artists from different backgrounds and affiliations; The festival also includes some outstanding Portuguese artists in the space “construir pontes” (building bridges), allowing the valorisation of national artistic and creative photography.

From the perspective of openness to community participation, Imago Lisboa also includes spaces dedicated to the art schools in Lisbon, conferences and workshops open to the public.

For Lisbon, one cannot fail to mention the relevance given in the scope of the Festival to the experiences and memories of the City, calling for citizen participation in the constitution of the collection.

It should also be noted that the Council Photographic Archive is associated with the Festival, presenting the exhibition “O Narcisismo das Pequenas Diferenças” (The Narcissism of Small Differences), by Pauliana Valente Pimentel, in which the artist reveals her unique and surprising perspective on people, environments and experiences of S. Miguel Island in the Azores.

Workshops, projections and conferences are the concrete proof of a festival that aims to establish a relational dynamic with the city, far beyond the simple presentation of the artistic work of different authors. A festival that allows the assumption of each one as an artist while giving us the best and most innovative in the field of current photography.

Catarina Vaz Pinto
Councillor for Culture and International Relations

As particularidades do Festival Imago Lisboa passam pela sua estratégia. Em primeiro lugar destacar um nome da fotografia internacional, neste caso o finlandês Pentti Sammallahti, que foi também professor de Arte e Design na Universidade de Helsínquia; para além deste autor, reúnem um conjunto de “novas visões”, um somatório heterogêneo da obra de artistas de diferentes proveniências e filiações; O festival integra também alguns destacados artistas portugueses no espaço “construir pontes”, permitindo a valorização da fotografia artística e criativa nacional.

Na perspetiva de abertura à participação da comunidade, o Imago Lisboa integra também espaços dedicados às escolas de artes em Lisboa, conferências e workshops abertos ao público.

Para Lisboa, não se pode deixar de referir a relevância dada no âmbito do Festival às vivências e memórias da Cidade, apelando à participação cidadã na constituição de acervo.

De salientar igualmente que, da parte do Município, o Arquivo Fotográfico Municipal se associa ao Festival, apresentando a exposição “O Narcisismo das Pequenas Diferenças”, de Pauliana Valente Pimentel, na qual a artista revela a sua perspetiva singular e surpreendente sobre as gentes, ambientes e vivências da ilha de S. Miguel nos Açores.

Oficinas, projeções e conferências são a prova concreta de um festival que pretende estabelecer uma dinâmica relacional com a cidade, muito para além da simples apresentação da obra artística de diferentes autores. Um festival que possibilita a assunção de cada um como artista ao mesmo tempo que nos dá a conhecer o que de melhor e mais inovador vem sendo feito no domínio da fotografia atual.

Catarina Vaz Pinto
Vereadora da Cultura e Relações Internacionais

Pentti Sammallahti is a master of classical black-and-white photography and a pioneer of Finnish photographic art. Wherever he goes on the globe, his photographs take the viewer beyond everyday experience. In Finland, France or Russia – his pictures are characterised by a gentle humour and the captivating spell of the black-and-white photograph. In his universe things that are considered unimportant become significant, and the essentials are only discovered by looking carefully. Sammallahti, who started his career at the beginning of the 1960s, is one of the first Finnish photographers to have carried out his entire life's work as a photographic artist. He has a high regard for craftsmanship, and is also known for his skillful printing of photographs and his high-quality printing of pictures using photomechanical processes. Along with individual pictures, Sammallahti has made thematic portfolios, their subjects ranging from a pilgrimage to a Roma market, and from dogs to doves.

PENTTI SAMMALLAHTI RETROSPECTIVE

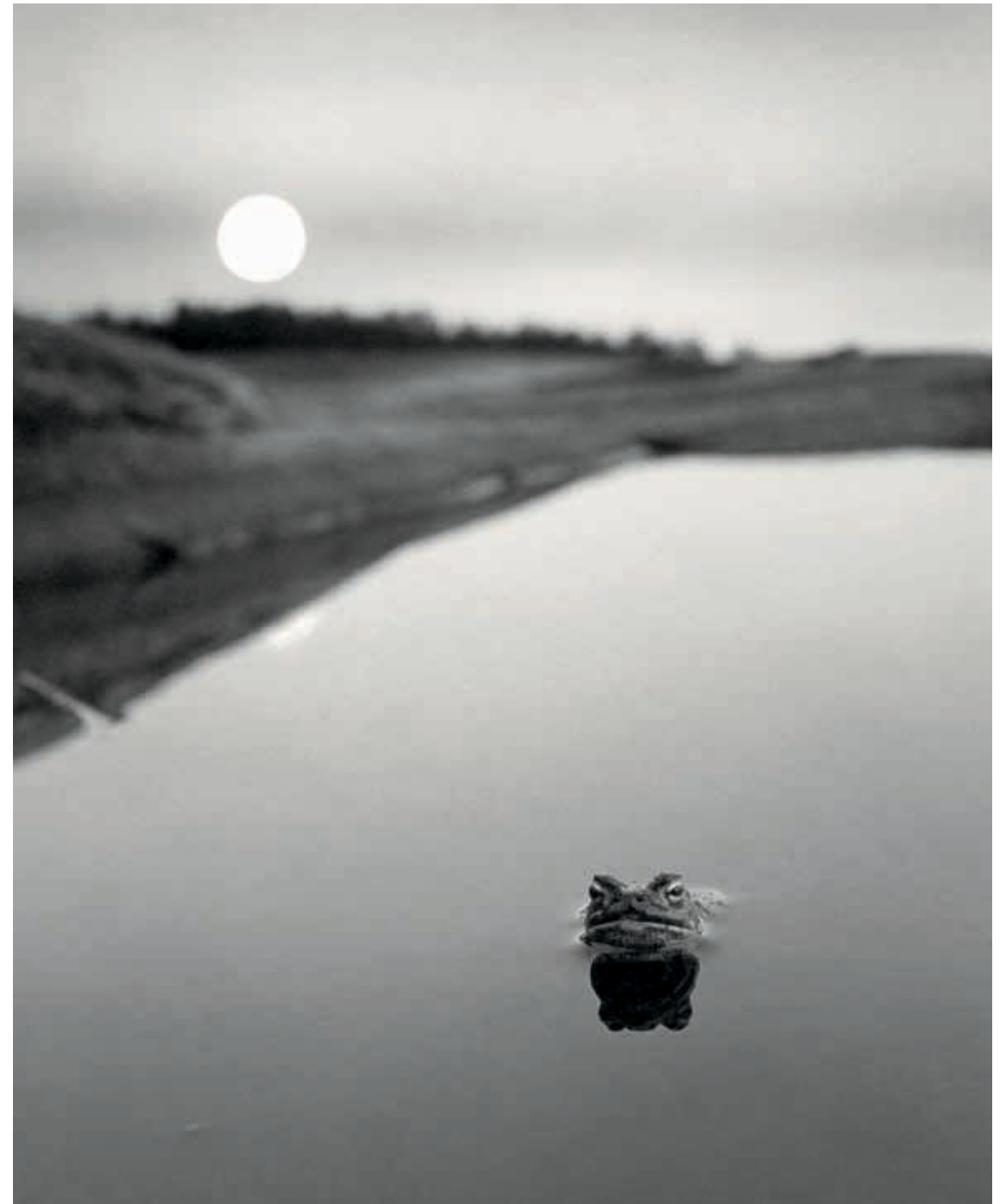
Pentti Sammallahti é um mestre da fotografia clássica a preto e branco e um pioneiro da arte fotográfica finlandesa. Onde quer que ele vá, as suas fotografias levam o espectador para além da experiência quotidiana. Na Finlândia, na França ou na Rússia – as suas fotos são caracterizadas por um humor subtil e o encanto cativante da fotografia a preto e branco. No seu universo imagético, as coisas consideradas banais tornam-se significativas, e os elementos essenciais só são descobertos olhando-se atentamente. Sammallahti, que começou a sua carreira no início da década de 1960, é um dos primeiros fotógrafos finlandeses a ter realizado todo o seu trabalho como artista fotográfico. Possui uma grande consideração pelo artesanato, e também é conhecido pelo elevado grau de competência na impressão de alta qualidade de fotos usando processos fotomecânicos. Para além de fotografias avulso, Sammallahti realizou portfólios temáticos, os seus temas vão desde uma peregrinação a um mercado de Roma, paisagens, cães e aves.

CURADORA / CURATOR
Elina Heikka



Com o apoio de / with support of:







The core of exhibitions gathered under New Visions – Novas Visões – seeks to raise awareness of some of the current discourses of photography. If the late nineteenth century is a rich period in photochemical processes, materials, and experimentalism, the twenty-first century is generous in attitudes and languages, especially the ones generated by new technologies and postmodernity.

In this set, the viewer is confronted with records that are adjacent to documentary photography, but which call for contemporary issues: emigration, gender and colour issues, or fictional narratives. The installation device, which creates a more complex set design, is also present. The processes of appropriation and manipulation can also be found here.

We are therefore facing a diverse set of discourses that show us the enormous potential and richness of the photographic device.

NOVAS VISÕES NEW VISIONS

O núcleo de exposições reunidas sob Novas Visões procura dar a conhecer alguns dos discursos atuais da fotografia. Se o final do século XIX é um período rico em processos, suportes e experimentalismo foto-químicos, o século XXI é generoso em atitudes e linguagens, sobretudo geradas pelas novas tecnologias e pela pós-modernidade.

Neste conjunto, o espectador é confrontado com registos adjacentes à fotografia documental, mas que convocam para temas da atualidade: emigração, questões de género e cor, ou narrativas ficcionais; o dispositivo de instalação, criando uma cenografia mais complexa, encontra-se igualmente presente. Também, os processos de apropriação e manipulação, podem aqui ser encontrados.

Estamos, pois, perante um diverso conjunto de discursos que nos revelam a enorme potencialidade e riqueza do dispositivo fotográfico.

COMISSÁRIOS / CURATORS

Alejandro Castellote
Nathalie Herschdorfer
Peggy Sue Amison
Rui Prata

JON CASENAVE

UR AITZ

As raízes da obra de Cazenave penetram na sua terra, Euskal Herria (o País Basco), como uma espécie de rizoma que vem crescendo e expandindo-se ao longo dos anos. No início abordou conceitos como a identidade e a propriedade com um pano de fundo onipresente: a paisagem. Com o tempo, esse cenário natural, atravessado pela cultura e história do ser humano, foi posicionado como uma espinha dorsal do seu trabalho. Desenvolve-se em múltiplas direções que vão desde os vestígios da pré-história até uma deriva metafísica que a conecta com a essência universal da natureza. O que a princípio foi um registo documental foi-se carregando de simbolismos e cria uma relação dinâmica com a paisagem intervindo no suporte que a representa ou atuando diretamente nos materiais que a habitam.

UR AITZ é o projeto que catalisa experiências. Nele coexistem diferentes formalizações que expressam a sua íntima relação com a paisagem. Todos eles lhe pertencem e contribuem com fragmentos de significado para a totalidade de sua obra. O mosaico mural que é apresentado na exposição narra a chegada das ondas à terra e o seu retorno ao mar através de um plano fixo que se multiplica no espaço, tornando visível o lapso cíclico do tempo. Em 4 de janeiro de 2016, Jon Cazenave fotografou, entre as 10:37 h. e 10:42 h, um fragmento da marginal de San Sebastián onde as ondas chocam contra as pedras durante uma tempestade. O choque, diz ele, marcou a terra em que cresceu. Ao regressar ao seu estúdio, preencheu o ecrã do computador com todos os registos obtidos. Decide, então, distribuí-los cronologicamente e descobre que o arranjo das fotografias gera ritmos visuais inesperados, algo semelhante à respiração do mar durante esses cinco minutos. Em seguida, forma um mosaico de sete linhas de 30 imagens cada: um aceno para os ciclos lunares que originam as marés. De facto, os calendários anuais que representam os ciclos da lua formam um mosaico com um isomorfismo surpreendente criado por Jon Cazenave: um minúsculo atlas de um breve espaço registado em pouco tempo.

De longe, a superfície deste mural de fragmentos parece imitar a sucessão de idas e vindas do mar até à costa. Mova-se para frente e para trás Assim também o mural de Cazenave nos convida a contemplá-lo indo para frente e para trás. É uma proposta de visualização e, simultaneamente, de internalização inconsciente do ciclo rítmico que a molda. Esse processo constante e repetitivo confirma, mais uma vez, que a natureza está em permanente transformação. Às vezes a arte, como a natureza, como o Ser, não é apenas, acontece.

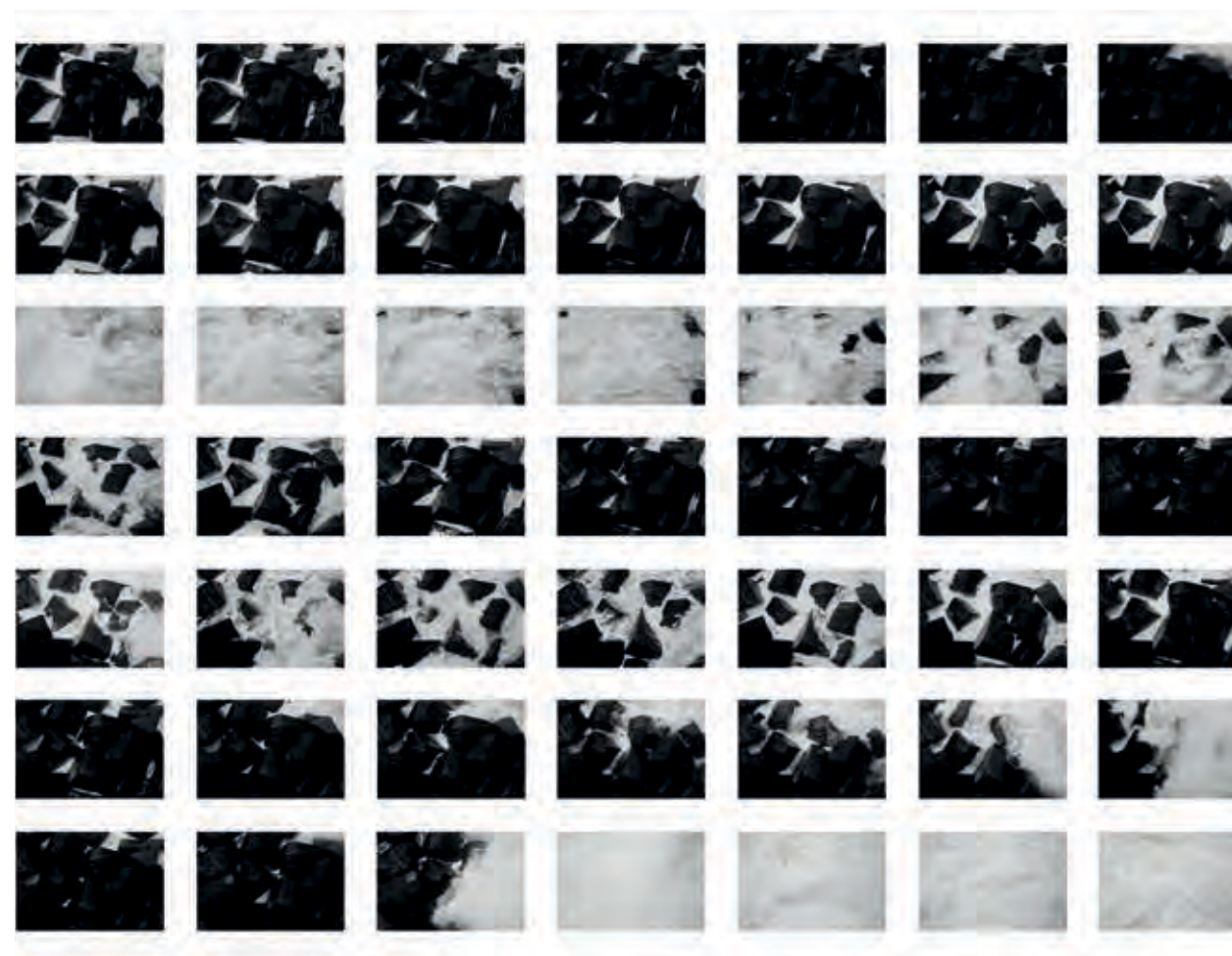
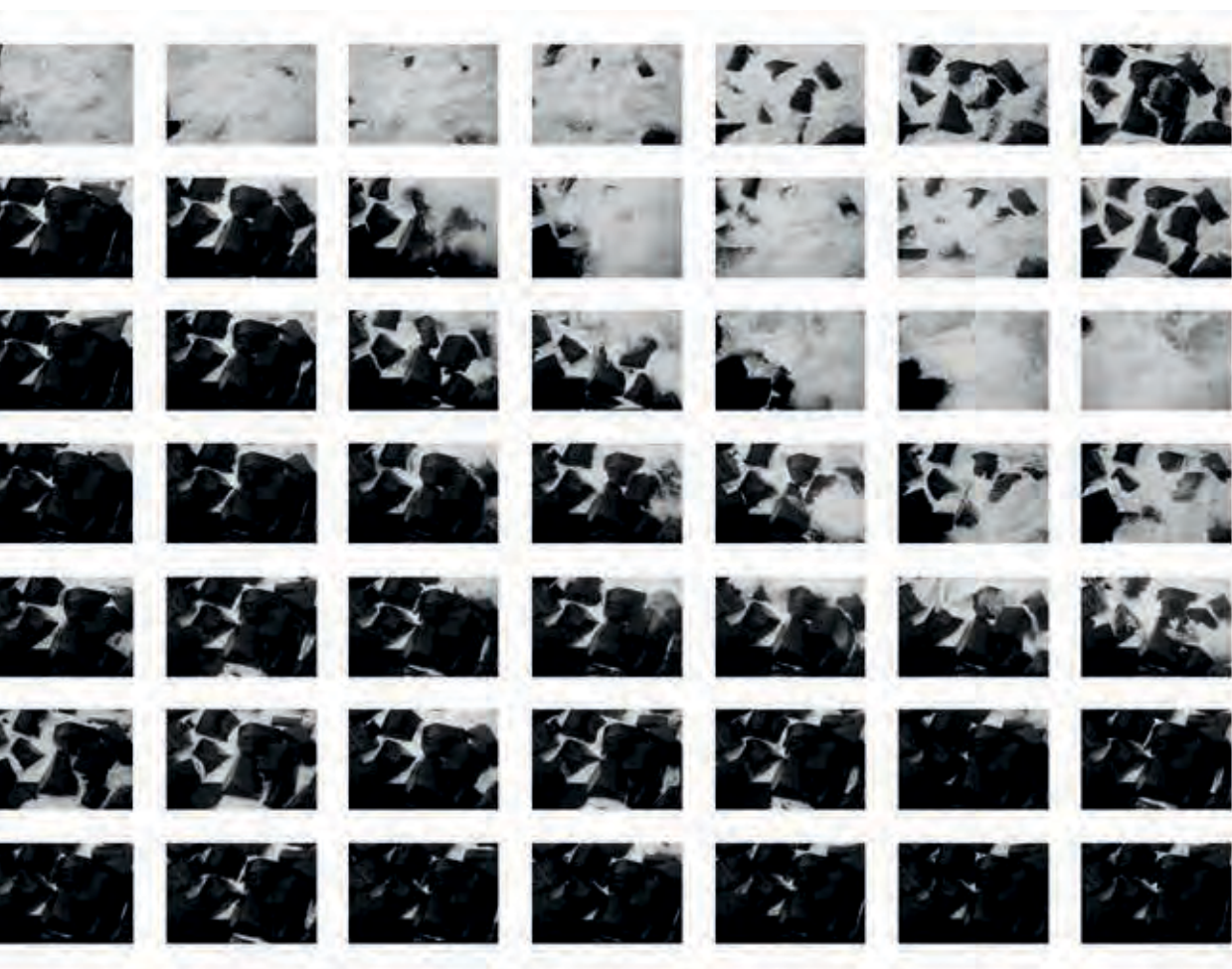
Alejandro Castellote

Com o apoio de / With support of: etxe pare



Com o apoio de / With support of:





DEMETRIS KOILALOUS

CAESURA

CAESURA é um conjunto de fotografias sobre o estado transitório de refugiados e migrantes que entraram na Grécia após atravessarem o Mar Egeu a caminho da Europa. Tipicamente, o termo CAESURA refere-se a uma breve pausa silenciosa no meio de um verso poético ou de uma frase musical, usada neste contexto como a metáfora para uma pausa silenciosa num meio de dois períodos violentos e angustiados. A paisagem da CAESURA estende-se reclusa e não revelada, sem marcos distintos, mas ao mesmo tempo permanece um lugar real, absolutamente relevante para o contexto topográfico da fronteira grega. Um espaço intermediário sem identidade sólida – como um campo de batalha estéril – preso num tempo intermediário e fugaz. As pessoas de CAESURA parecem estar presas em num espaço efêmero e transitório. Transmitem uma sensação ambígua de inquietude e tranquilidade, emanando uma sensação de atemporalidade e durabilidade, como se tivessem existido além do tempo entre dois momentos descontínuos.

CAESURA é um conjunto de narrativas pessoais e momentos privados de pessoas que queriam declarar de maneira silenciosa e heróica sua nova condição como elemento da sua liberdade. São pessoas que queriam ser fotografadas – como a passagem para a imortalidade – exatamente porque conseguiram ser seguras, quase como cavaleiros melancólicos depois da batalha. Em última análise, CAESURA não aborda apenas aqueles que foram fotografados. Ao mesmo tempo, refere-se principalmente àqueles que não foram fotografados, pois trata essencialmente da identidade genérica geralmente atribuída ao fugitivo, aquele que foge, a pessoa que adota uma identidade temporária intermediária e se concentra principalmente no nível pessoal e existencial, tentando levantar questões sobre a condição humana e identidade. CAESURA não pretende fornecer respostas ou fazer a declaração histórica sobre esse fenomenal êxodo em massa – uma experiência única para o pós Segunda Guerra Mundial na Europa. Por trás da máscara estereotipada e sem nome do “refugiado”, estão os retratos dos novos cidadãos europeus que trazem consigo a melancolia do seu passado e as dificuldades do seu percurso, demonstrando a determinação de se colocarem numa nova realidade global e um compromisso negar o anonimato da História.





FILIPPO ZAMBON

THE KOMI DIARY

Syktyvkar é uma cidade no norte da Rússia, a pequena capital da República de Komi, lar de um grupo étnico Fino-húngaro que foi colonizado pelos russos séculos atrás. Longe de quaisquer grandes cidades russas e da vida rápida e desenvolvimento económico do oeste, é uma cidade no “fim do império”. Os dois grupos étnicos, Komi e Russos, viveram juntos por um longo tempo, misturando as suas raízes e fundindo sua iconografia e tradições. O folclore tradicional de Komi, o simbolismo soviético e a cultura russa contemporânea fundiram-se no cotidiano desta cidade provinciana. Syktyvkar, que na língua komi significa “a cidade no rio” é uma entidade desconhecida, mesmo para a maioria dos russos. Capital de uma rica região natural perto dos Montes Urais e da terra dos Nenets. Durante o tempo czarista, este foi um local de exílio político e muitos prisioneiros de guerra foram enviados para cá. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Exército Vermelho forçou centenas de prisioneiros alemães na região, muitos dos seus descendentes ainda estão a viver aqui. Os soviéticos usaram a região como um gulag. Prisioneiros foram enviados para os campos de trabalho vindos de toda a URSS. Muitos sobreviveram e permaneceram, trabalhando na fábrica de papel de Eshva, uma parte suburbana de Syktyvkar. Atualmente, a maioria dos jovens quer mudar-se para São Petersburgo ou Moscovo, onde há mais possibilidades e um futuro mais animado. Aqueles que ficam reclamam que a cidade vai decair e desaparecer, isso será esquecido até por seus próprios cidadãos. Devido a uma estranha reviravolta do destino, esse lugar remoto tornou-se o meu segundo lar. Nos últimos anos, experimentei o quotidiano de um lugar que pouco a pouco revelou os seus segredos. Mas representar a totalidade de uma comunidade, sua complexidade e variações, requer mais do que apenas um estudo de campo ou uma pesquisa cultural. Requer uma submissão emocional completa à sua essência. A história deste lugar tornou-se minha história e minha experiência e trabalho tornaram-se parte dessa mistura iconográfica de que este lugar está repleto.

Filippo Zambon

Com o apoio de / With support of:



Finnish Cultural
Foundation





SHEN CHAO-LIANG

SINGERS & STAGES

Desde a década de 1970, a sociedade taiwanesa desenvolveu uma cultura de cabaré diferente da dos países ocidentais. Naquela época, os atores eram convidados a entreter todos os tipos de celebrações, desde recepções de casamento a cerimônias religiosas e funerais. Os proprietários dessas pequenas empresas familiares converteram os seus camiões e carrinhas em pequenos teatros móveis, com os quais se deslocavam pelo país. As suas formas singulares evoluíram gradualmente ao longo do tempo. O design e a decoração dos mais de 600 teatros ambulantes que existem em todo o país refletem tendências populares, do mais antigo ao mais moderno: personagens de histórias aos quadrinhos e animação, naves espaciais, cenas de filmes, ícones arquitectónicos e a iconografia de ponta de videojogos e discotecas. A espetacularidade desses camiões-cenário, que podem pesar entre 8 e 15 toneladas é reforçada com sofisticada tecnologia de som e programação de placas de luz, e as performances apresentadas incluem coreografias inspiradas nos mais famosos programas de TV e vídeo clips. Além de cantores, eles apresentam pole-dance, concursos e shows de drag queens, malabaristas e humoristas.

Shen Chao-Liang começou a fotografar esses shows em 2005, documentando em preto e branco a interação entre os artistas e o público. A série resultante, chamada Taiwanese Vaudeville Troupe, apresentava um estilo marcadamente jornalístico claramente influenciado pelo seu trabalho como repórter fotográfico para o jornal Liberty Times em Taiwan, onde chegou a ser subdiretor de fotografia. Mas apenas um ano mais tarde, mudou radicalmente a sua abordagem do tema dos cabarets móveis, mudando do preto e branco para a cor e descrevendo-os com parâmetros mais próximos das tipologias habituais da arte conceptual e nos estudos culturais. Quase ao mesmo tempo em que tirava esses “retratos” de palcos, também fotografava os cantores. O resultado foi publicado em forma de livro em 2013.

Singers & Stages, é um jogo de dualidades. Shen quase sempre fotografa palcos vazios, com uma solidão que destaca a estranheza da sua presença na paisagem natural ou urbana. De fato, quando são instalados fora da cidade, exalam uma espiritualidade estranha: as luzes brilhantes misturam-se com a atmosfera mágica da paisagem, que age como um segundo pano de fundo, compondo um insólito contraste entre os ecos estridentes da música que geralmente os envolve e a luz hipnótica do crepúsculo.

Há silêncio nos retratos de palcos e silêncio nos rostos tranquilos dos cantores, que são os principais personagens visíveis dessas empresas familiares. A decisão de retratá-los a preto e branco faz com que pareçam aqueles músicos e atores que estão sempre na estrada e parecem não pertencer a lugar nenhum. Posam com suas roupas sexy despojados das suas cores brilhantes e fulgurantes, como se pudessem apenas se iluminar e se tornar estrelas quando a noite cai e o



espetáculo começa. Os cenários por trás delas destacam a ausência de glamour no dia-a-dia dos bastidores: são fragmentos da cabina de um camião, lonas de proteção, toldos, estruturas de metal e, máquinas de venda automática e paredes inexpressivas. Lugares de trânsito para pessoas em movimento.

As fotos de Shen Chao-Liang fornecem informações adicionais: através desta tradição popular, ilustram como a sociedade taiwanesa evoluiu gradualmente para uma economia mais industrial e modernizada. As luzes coloridas dos palcos acendem-se à noite, tal como as dos espetaculares arranha-céus ou dos milhares de anúncios de néon que inundam as ruas comerciais de qualquer grande cidade da Ásia. “Uma cidade que nunca dorme” ... é o repetido mantra das grandes cidades mais ativas. Essas luzes são um símbolo tanto da modernidade quanto do consumismo: lojas abertas e tráfego intenso a todas as horas, vida noturna, atrações de lazer e escritórios abertos. Mostram o músculo resplandecentes da arquitetura como uma metonímia dos seus habitantes e da sociedade que os promove. Esta é uma estética muito diferente daquela da tristeza mística descrita por Junichiro Tanizaki em seu famoso opúsculo “O elogio da sombra”.

Alejandro Castellote

Com o apoio de / With support of:





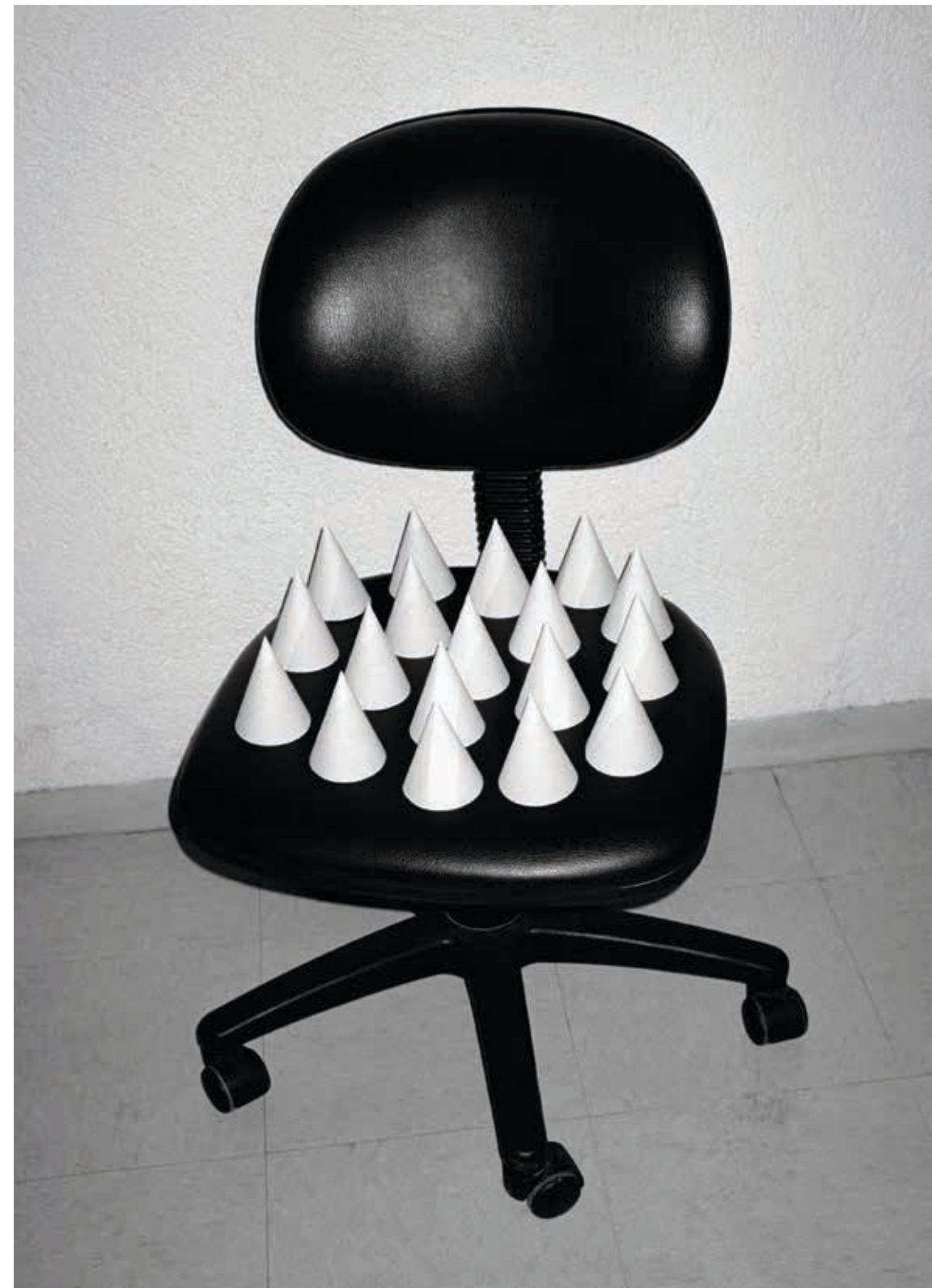
JONATHAN LLENSE

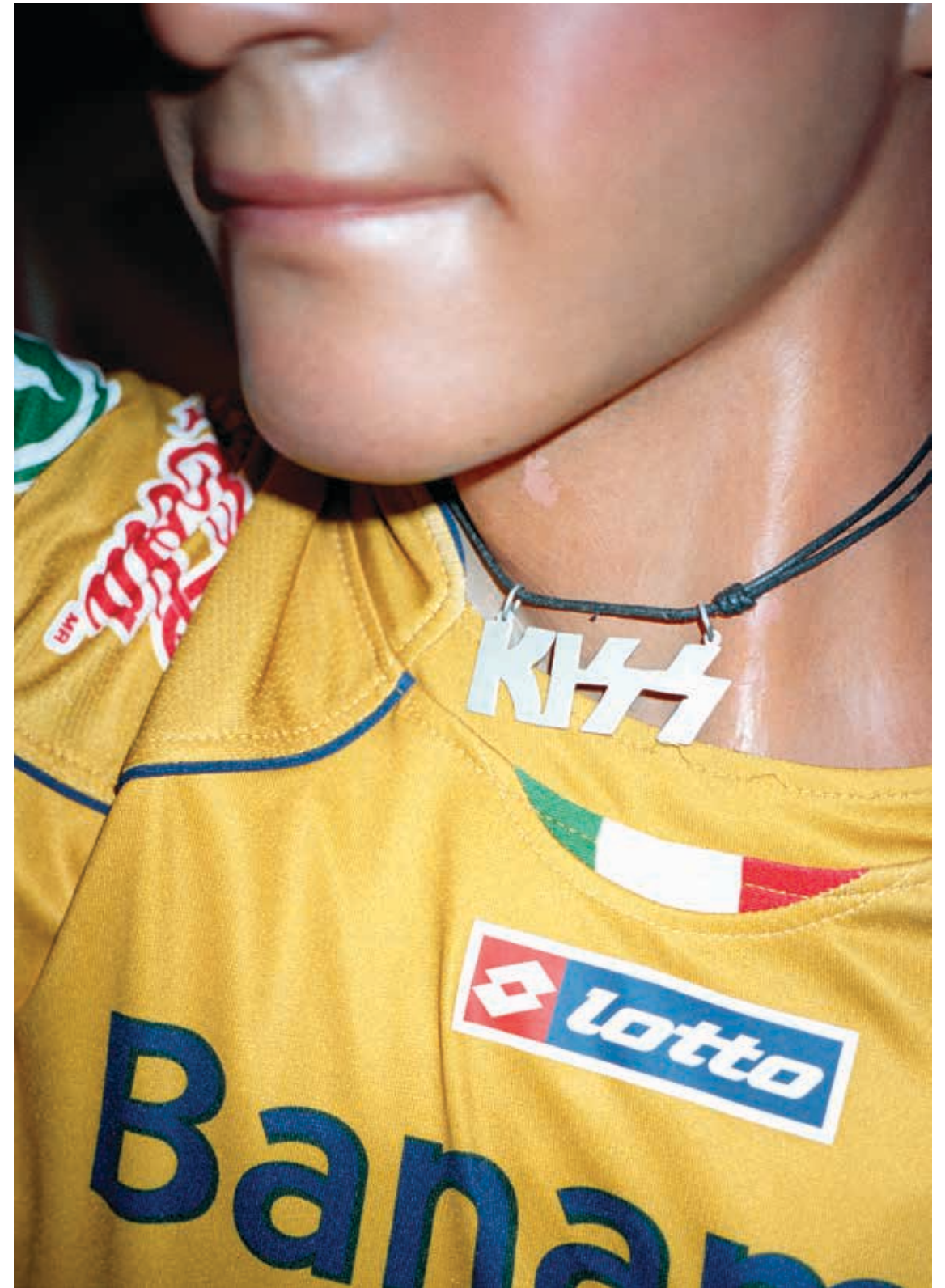
EL UNO SIN EL OTRO (MEXICO, 2014)

O processo de trabalho de Jonathan LLense é moldado por passeios diários pela cidade. Guiado por uma primeira intuição, joga com o ambiente envolvente, combinando elementos previamente existentes para criar uma nova e lúdica percepção.

No seu trabalho, espaços urbanos e privados parecem ser fonte inesgotável de inspiração e descoberta. LLense identifica sistemas visuais, formas padrão, arranjos e bricolage, onde o poder de evocação que contêm se deve à recorrência de composições e gestos e onde ele, subsequentemente, interage com o espaço circundante. As suas imagens apresentam essencialmente pessoas e objetos em configurações e situações estranhas, encenadas e construídas num diálogo direto com sua experiência diária. Corpos triviais e sucitados, elementos naturais ou industriais, subitamente tornam-se objeto de um jogo de associações formais, desvios semânticos, colagens de duas ou três dimensões, que são fotografados e mostrados para si próprios no espaço expositivo.

Dentro destes gestos arcaicos, destas possessões vernaculares, LLense restaura toda a teatralidade do espaço quotidiano alterada pelos seus usuários. Oferece um olhar divertido sobre as coisas em nosso redor, sobre todas essas cenas do dia-a-dia e revela o potencial de prazer que a experimentação lhe reservam.





MELANIE WALKER

ON LONGING

On Longing faz parte da narrativa alegórica (foto) gráfica chamada Nomadic Dreamer. Começou na década de 1980, quando a falta de habitação se tornou um assunto nacional, juntamente com questões sobre normas culturais ligadas ao lar, família, papéis específicos de gênero, superpopulação, tradição e condição humana. Regressei recentemente a esse projeto para abordar preocupações relacionadas, como questões de imigração para aqueles que buscam asilo migrando de países devastados pela guerra e colapso ambiental. Usando a imagem de uma casa e essa estrutura conceptual como metáfora, procuro abordar o nosso desejo coletivo por conexão e as nossas semelhanças nestes tempos desafiadores de conflito global.

Conectadas por metáfora, lugar e associação, imagens díspares são entrelaçadas, assim como as experiências de vida nos sonhos. Vaguear pela memória, corpo, mente e mundo são sincronizados num ritmo de pensamento, como um acorde ... andando e caindo ...

A palavra desejo de viajar designa uma forte vontade e um impulso de passear. Nem todas as andanças são iguais. Algumas surgem do desejo, outros da necessidade. As migrações fazem parte da nossa história humana coletiva.

Refúgio, refugiado

Saudade, Pertença, Pertences

Desejando pertencer...

Este trabalho combina imagens de paisagens e vislumbres da rotina diária, de maneiras que abordam a natureza frágil e em camadas do tempo, sentido de lugar e a memória. Procuro os intervalos. Os espaços entre nós. O meu nome de família deriva de Weaver of the Cloth, em gaélico. O meu pai era fotógrafo e a minha mãe, costureira. Nos últimos 50 anos, casei fotografia e tecido em histórias que cosi usando a alegoria.

Nasci oficialmente cega do meu olho esquerdo, com visão incorrigível que me deixa questionando o que é real. A minha memória mais antiga envolve as minhas cirurgias oculares aos 3 anos. Acordei amarrada numa cama de hospital com uma venda sobre um olho e vi um chimpanzé andando de triciclo pelo corredor do hospital usando o uniforme de um líder de banda. Essa lembrança primitiva tem sido fundamental na formulação de minha perspectiva única.

A palavra “absurdo” é baseada no pressuposto de que há “sentido”. Como artista com deficiência visual, emprego sensibilidades tácteis, propriocepção e transparência, a fim de criar experiências imersivas que possam ser paralelas à maneira como eu experiencio o mundo através dos meus desafios de visão e, com sorte, permitir que os espectadores questionem a natureza da realidade.

Melanie Walker





MALÚ CABELLOS

REBELADOS

Há anos que a Amazônia constitui uma temática na arte contemporânea na América Latina e especialmente nos países da região que compartilham esse território. Alguns artistas estão a revisitar, a partir de uma perspectiva histórica, analisando os conflitos desencadeados pela corrida à borracha e as consequências sofridas pelas comunidades indígenas. Malú Cabellos começou a trabalhar em 2015 numa investigação sobre a capital da Amazônia peruana: Iquitos. No Centro Amazónico de Antropologia e Aplicação Prática – CAAAP, Malú descobriu uma coleção de fotografias que inspirou o seu projeto Rebelados. As imagens que ela selecionou para o projeto fazem parte do *Álbum de fotografías Viaje de la Comisión Consular al Rio Putumayo y Afluentes*. Foi realizado por Silvino Santos de agosto a outubro de 1912, fotógrafo e camaraman português residente em Manaus. O álbum foi encomendado por Julio Cesar Arana, acionista majoritário de uma das mais importantes empresas de borracha: A Casa Arana, cujos parceiros britânicos a registaram em Londres sob o nome The Peruvian Amazon Company. Através daquela encomenda procurava-se reverter a imagem deteriorada da empresa, que havia recebido queixas sérias contra ela. O tratamento que esta empresa tinha para com os nativos incluía práticas escravagistas, castigos e torturas, chegando a matar os indígenas que fugiam ou se negavam a trabalhar. Estima-se que entre 1903 e 1910 a Casa Arana teria sido a causa do extermínio de 30.000 índios.

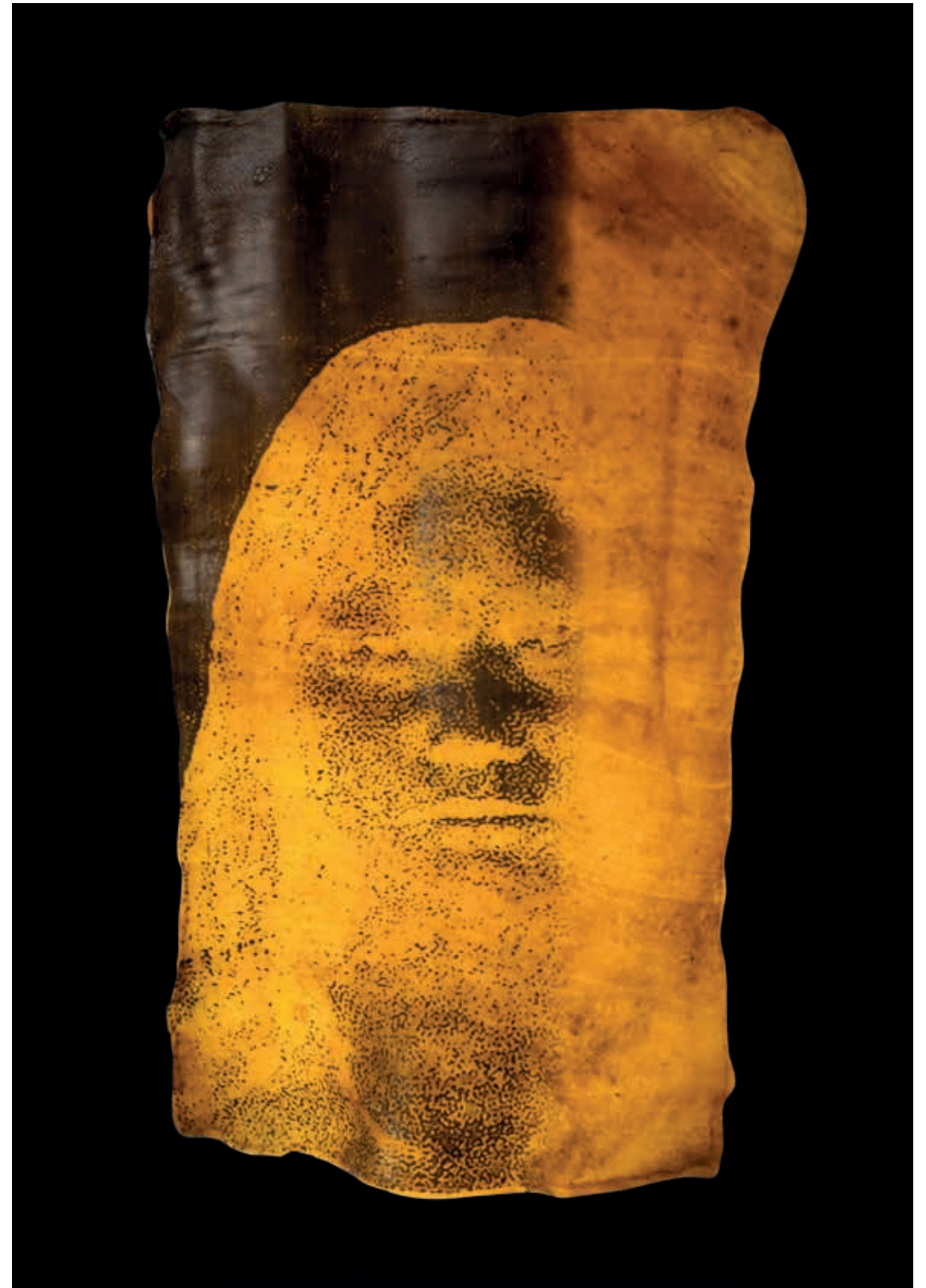
Malú Cabellos interveio nos arquivos digitais do álbum para individualizar os sujeitos e torná-los visíveis num outro contexto. Uma tentativa de restaurar a sua identidade a partir do presente. A solução para representá-los com dignidade foi sugerida pela comunidade mais importante da Amazônia peruana: os Ashaninka. As famílias desse grupo étnico iniciaram um projeto de emancipação que lhes permite obter uma fonte de renda autónoma, desconectada das grandes indústrias e ligada à tradição local: o processamento do látex natural*. Extraem-se das seringueiras – *Hevea brasiliensis* – e transformam-nas em folhas translúcidas, que possuem texturas e tonalidades próprias, além de um profundo cheiro de mata húmida. Sobre essas lâminas, Malú Cabellos imprime fragmentos negativos dos rostos dos indígenas. Ao iluminar as folhas por trás, surgem os retratos fundidos com as texturas das grandes seringueiras. A luz revela a imagem de um povo que se revolta contra a sua condição de ser esquecido pela história: eles invadem o nosso presente.

Alejandro Castellote

Com o apoio de / With support of:



* (As folhas de látex são feitas artesanalmente por membros da Associação dos Produtores de Borracha do Rio Pichis, na parte oriental da região peruana de Pasco.



KATRIEN DE BLAUWER

ELEVEN STORIES

A prática artística de Katrien de Blauwer, que vive e trabalha em Antuérpia (Bélgica) baseia-se na colagem, e devemos ver por detrás deste termo a ideia de uma atitude total, mais do que uma categoria ou uma espécie de divisão. O seu idílio artístico com a colagem começou cedo, enquanto jovem e aluna de arte e moda. Como um prelúdio para a sua pesquisa atual, os seus livros de humor da época já mostravam uma bulimia para a imagem e, além da imagem, um fascínio ilimitado pela sua construção.

O processo é espontâneo, livre como um gesto que deforma a imagem. O seu trabalho é nutrido por fotografias esquecidas que ela recicla, corta e une. Às vezes, são pintadas. A pincelada é tão seca quanto um golpe de tesoura. Por trás desse “corte” intransigente, semelhante à técnica de montagem, há o desejo de reconstruir a imagem, dar à luz uma história e devolver a essa matéria-prima toda a sua vibração passada. É a partir de uma seleção de imagens recolhidas a partir de revistas velhas que se fizeram estas colagens. Nasceram de uma conexão insuspeita entre várias figuras, entre padrões e cores. Mais do que apenas formal, essas associações são ditadas por uma sensação imediata e refletem o paradoxo desafiador da sua prática. Na verdade, as escolhas que atuam no tratamento desses fragmentos referem-se à sua própria privacidade, mesmo quando ela manipula imagens anónimas, à priori distantes. Ao banir os olhares e os rostos das suas composições, preserva uma certa neutralidade, uma liberdade de interpretação que voluntariamente deixa espaço para qualquer um que queira nela se incluir. É este desejo de universalidade que nasce o potencial narrativo e memória das colagens da artista.

Para o festival Imago Lisboa, Katrien de Blauwer, impõe uma nova escala e propõe uma fórmula inédita pela ampliação fotográfica das suas colagens originais, depois repintada com cor sólida. Mais uma vez, vamos esquecer a questão do género, a sua reprodutibilidade ou sua singularidade, porque a força da proposição está incorporada na reutilização não discriminatória dos elementos que compõem o trabalho. É ao mesmo tempo superfície, colagem, pintura e fotografia.

Sébastien Borderie





LIZA AMBROSSIO

LA IRA DE LA DEVOCIÓN

Há algum tempo atrás, decidi mudar a minha vida da maneira o mais extraordinária possível. Olhei para dentro e involuntariamente lembrei-me da frase que minha mãe me contou da última vez que a vi quando tinha dezasseis anos – “Desejo-te boa sorte e, acredita, espero que te tornes forte e corajosa, para que sejas implacável quando chegar a hora de destruir o teu corpo e esmagar a tua alma na próxima vez que nos virmos”. Depois de um avassalador colapso emocional, comecei esta série de imagens misturadas com telas e fotografias pictóricas do meu arquivo familiar para convidar os observadores a mergulharem em si mesmos, na minha psicologia. “A ira da devoção” é um projeto de vudu capaz de reconstruir uma parte da história pessoal e contemporânea de muitas mulheres dispostas a emanciparem-se das estruturas sociais que lhes foram predispostas. Por meio da narrativa escrita, exercícios de manipulação psicológica, contrafeitiços, autorretratos e associações de imagens desenvolvidas desde a adolescência até à idade adulta, Ambrossio constrói uma narrativa representativa da história da sua própria loucura e o reflexo do caos no seu país de origem. O seu trabalho é a resposta a uma maldição por parte da sua mãe, que implica uma extensa investigação dos seus antepassados e revela que as mulheres da sua família praticaram feitiçaria com o desejo de prejudicar outras mulheres. A bruxaria também é uma forma de defesa psicológica contra alguns símbolos do machismo, mas ao longo do tempo tornou-se, no caso da sua família, na loucura, depressão e esquizofrenia. Os efeitos vêm da síndrome da mãe má, investigada pela psicanálise e herdada epigeneticamente. Nas suas imagens as mulheres são representadas como seres imortais e imorais com poderes sobrenaturais, que marcam o seu simbolismo pessoal através de máscaras, olhos, aranhas, água, sangue e fogo. Eles são inteligentes e angustiantes. Enquanto os homens parecem estar sempre em risco. Nas histórias de Ambrossio, o feminino é ameaçador porque seduz e na poética da sua sedução devora.



Talkatory 2015



Hell inside 2013



Promises of saliva 2016



Vibrate 2014



Ophelia's Revenge 2016



Dubitative 2017

NYDIA BLAS

THE GIRLS WHO SPUN GOLD

Depois de observar a falta de espaço da comunidade para as adolescentes de ascendência africana em Ithaca, N.Y, dei início ao Girl Empowerment Group. O objetivo era criar um espaço onde um grupo incrível de raparigas, com as quais eu havia desenvolvido relacionamentos se sentisse valorizado, apoiado e preenchido os espaços que a educação formal não lhes dava. Lemos livros que pertenciam às suas vidas e experiências, desconstruímos vídeos de rap, mantivemos diários, dançaram e atuaram em eventos locais. Organizámos festas com acompanhantes para adolescentes entediados na comunidade e viajámos para Harlem a fim de visitar o Centro Schomburg de Pesquisa em Cultura Negra e participar da Celebração Kwanzaa no Teatro Apollo. No meio da diversão e atividades, o que mais me emocionou foram as nossas conversas sobre autoestima, as suas motivações para crescer e avançar na vida, e a troca de conhecimento num espaço íntimo. Eventualmente, os nossos laços foram reproduzidos visualmente nas fotografias em que trabalhamos juntas.

De forma delicada, teço histórias de circunstância e magia – inspiradas por essas garotas e no convívio com elas – e uso o meu trabalho para criar um espaço físico e alegórico apresentado através de uma lente feminina negra. É impossível fazer isso sem expor as construções de sexualidade, género e raça que são historicamente baseadas em padrões europeus perversos e difusos. É um declive escorregadio entre reconhecer a forma como a sociedade ignora, limita e valoriza o ser humano e trabalha fora desses limites para criar maneiras realistas e complicadas de ver e olhar para si mesmo, que fortalecem e impulsionam as pessoas para novas narrativas. Como fazes isso quando o próprio corpo em que reside está em oposição ao que é considerado normal, apropriado e digno de proteção? O meu trabalho destabiliza construções muito ultrapassadas, mas muito reais, ao gerar uma contra-narrativa como evidência visual de espaços alternativos criados pelos próprios sujeitos – para recuperar seus corpos para sua própria exploração, descoberta e compreensão.

Sou atraída por questões de sexualidade e intimidade, trabalhando intuitivamente para criar imagens que têm a capacidade de ser esotéricas e ressoar com aquelas que estão na periferia. Essa intuitividade é uma fusão da minha experiência vivida, da cultura negra popular, do cinema e do folclore. O resultado é um ambiente imbuído de um senso de realismo mágico que depende da crença de que a alquimia acontece no mundo tangível. E que, a fim de navegar por realidades muitas vezes adversas das circunstâncias e manter a resiliência, uma perspectiva mágica é necessária. Nesse espaço, os adereços funcionam como extensões do corpo, os figurinos como marcadores de identidade e os gestos / ações revelam o desempenho, a celebração, a descoberta e o confronto envolvidos na autodefinição dentro das estruturas pré-existentes.



Os próprios corpos em que nascemos levam inerentemente histórias, estereótipos e, às vezes, graves consequências, como violência e morte. Historicamente, a fotografia tem sido usada como uma ferramenta para moldar e reformular o discurso popular, a ideologia dominante e as crenças sobre grupos de pessoas ao longo do tempo. Há uma necessidade de criar novos espaços que reflitam as formas complicadas que vemos e nos entendemos.



LAURENCE RASTI

THERE ARE NO HOMOSEXUALS IN IRAN (2014-2016)

Quando discursou na Universidade de Columbia em 24 de setembro de 2007, o presidente iraniano na época, Mahmoud Ahmadinejad, proclamou: “No Irão, não temos homossexuais como no seu país”. Enquanto a maioria das nações ocidentais aceita oficialmente a homossexualidade e alguns até mesmo o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a homossexualidade ainda é punível com a morte no Irão. Os homossexuais não podem, lá, viver a sua sexualidade. As suas únicas opções são escolher a transexualidade, que é tolerada por lei, mas considerada patológica, ou fugir. Em Denizli, uma cidade da Turquia, centenas de iranianos gays estão presos numa zona de trânsito, com as suas vidas paradas, desejando que sejam bem recebidos num país de acolhimento, onde possam começar de novo e sair do armário. Situadas neste estado de limbo, onde o anonimato é a melhor proteção, as minhas fotografias exploram os conceitos sensíveis de identidade e género e procuram restituir a cada um desses homens e mulheres o rosto que o seu país lhes roubou.

Laurence Rasti





VIRGINIE REBETEZ

MALLEUS MALEFICARUM (2018)

Virginie Rebetez realiza uma investigação fotográfica sobre médiuns e curandeiros, vulgares na região católica de Friburgo (CH) e bem enraizada na cultura, aprendendo sobre a sua identidade e prática, como ela os coloca num contexto histórico mais amplo de caça às bruxas. *Malleus Maleficarum* é talvez o esforço mais ambicioso e ousado de Rebetez para explorar o espaço entre o visível e o invisível, para repensar e reconsiderar a história de uma maneira nova. O passado é trazido através da figura de Claude Bergier, que foi acusado de feitiçaria e queimado na fogueira em 1628, em Friburgo. Rebetez traz de volta Bergier através de leituras mediúnicas, depois dando voz a uma pessoa ausente. Explorando presenças e ausências, apresenta a possibilidade de narrativas alternativas, mapeando visualmente pontes entre pessoas e lugares separados do tempo e do espaço: reunindo-os e transmitindo-nos as suas histórias em molduras fotográficas polifônicas.

Elisa Rusca



Text from the book published by BCU Fribourg & Meta/Books, 2018



At this moment and due to various vicissitudes, the Portuguese photography doesn't have any structure where the objective is to promote the flow of national authors along with foreign institutions.

In this way, and taking advantage of the wide network of international contacts available to the organisation, the Imago Lisboa festival seeks to be a platform of excellence for the dissemination and presentation of our artists abroad.

CONSTANTIN PONES BUILDING BRIDGES

Resultante de vicissitudes várias a fotografia portuguesa não tem, no presente, nenhuma estrutura que tenha por missão objetiva promover a itinerância dos autores nacionais junto de instituições estrangeiras.

Assim, tirando vantagem da ampla rede de contactos internacionais de que a organização dispõe, o festival Imago Lisboa procura constituir uma plataforma de excelência para divulgação e apresentação dos nossos artistas no exterior.

AUGUSTO BRÁZIO

SOPÉ

SOPÉ, representa o primeiro capítulo do projeto Viagens na Minha Terra. É um trabalho em progresso, no qual o autor procura mapear uma geografia do desconhecido, do inesperado, do que está para além da representação normalizada com que Portugal nos é apresentado nos media.

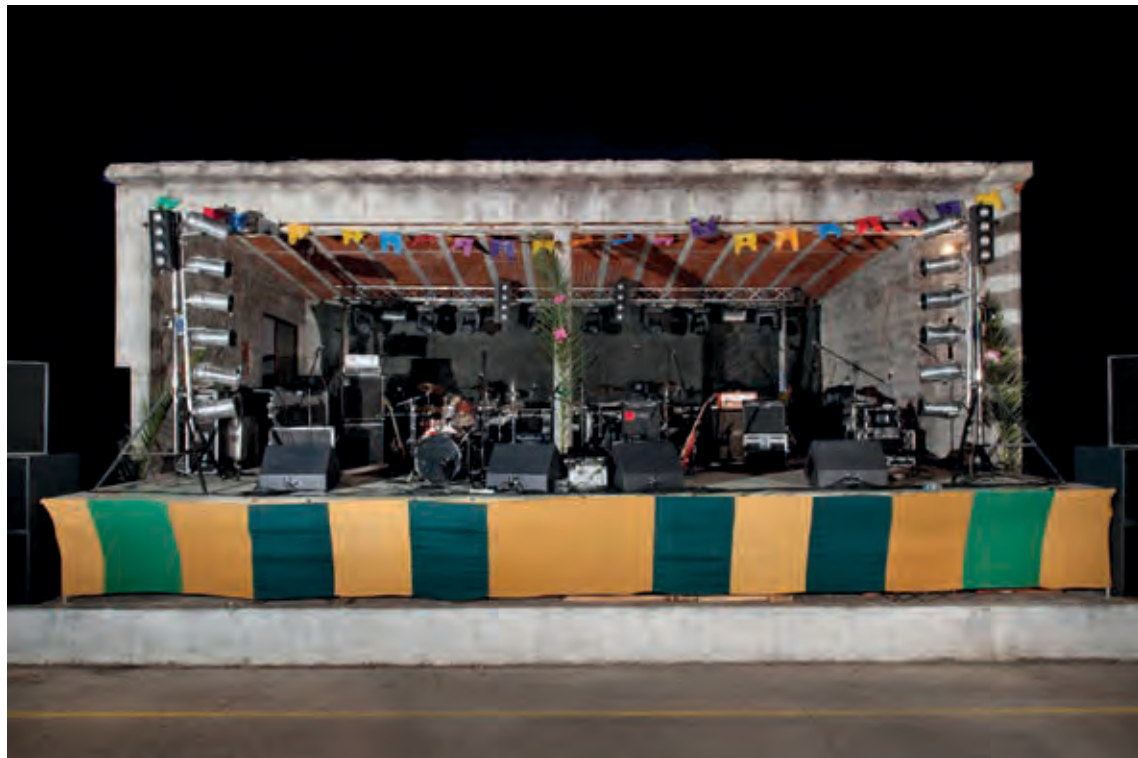
São imagens que rompem as fronteiras do postal de promoção turística e que partilham com o observador uma rude realidade. Imagens de um Portugal profundo, apenas alvo de notícia em momentos de catástrofe. Espaços vazios, sinónimo de uma desertificação que corrói o interior do país.

O autor atua como uma espécie de detetive visual, que segue as pistas de vivências inusitadas e cenários fantasmagóricos que, pouco a pouco, constroem uma trilha donde emerge uma verdade bruta que não pode deixar o espectador indiferente.

A partir de rostos, paisagens e locais de abandono o autor reflete sobre a identidade de um Portugal profundo. São fotografias que corporizam as vicissitudes da interioridade, a desertificação e as consequências do abandono dos territórios. Imagens que concorrem para a construção de uma geografia mental do país.

Augusto Brázio





LUISA FERREIRA

NO LIMITE (2004 – 2019)

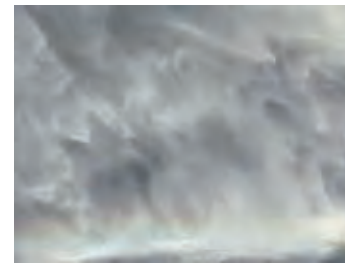
Matéria plástica, valor líquido

Na primavera de 2004 assisti às primeiras descargas da barragem do Alqueva, quando atravessava o Alentejo à procura dos campos de futebol para o projecto expositivo fora de jogo. Era a grande força da água, potenciada pela engenharia.

Quando comecei a ver plásticos nas hortas suburbanas, enquanto trabalhava para a série A Orla de Cidade, fiquei incomodada, mas depois comecei a perceber que os cds a brilhar espantavam pássaros e outros predadores, os bidões serviam para recolher a água para a rega, e os garrafões para a transportarem e armazenarem. Sustentabilidade, uso fácil, novo design?

No entanto, cientistas defendem que os plásticos não devem ser reaproveitados para manter a água, porque a pouco e pouco libertam micropartículas para o meio líquido. E o mar já está cheio de plásticos, os animais marinhos estão a engolir – ou a ser engolidos pelo – plástico ...

No limite é uma série em torno da forma de recolher e armazenar água nas hortas e terrenos agrícolas, um palimpsesto de instalações temporárias ou permanentes na paisagem.





PEDRO LETRIA

THE CLUB

“Penso que o sentimento transmitido pela ficção não é menos autêntico, pungente e duradouro daquilo o melhor jornalismo é capaz de documentar”

Pedro Letria

The Club é uma viagem experiencial pelos Clubes Sociais Portugueses em Providence, Rhode Island, nos Estados Unidos da América; uma viagem onde a fotografia e a escrita são as acções primárias. Ao longo do seu percurso, Pedro Letria olha para a sua própria deslocação enquanto cidadão português nos Estados Unidos, através das manifestações plurais dos imigrantes portugueses nos seus espaços de partilha comunitária.





SÃO TRINDADE

FRIDAY NIGHT, SATURDAY MORNING

“Let everything happen to you
Beauty and terror
Just keep going
No feeling is final”

R. M. Rilke

Já cosi a ferida, ensaiei o esquecimento e viajei até à lua com o meu gato, fui Lady Godiva, Eva, e muito mais.

Os temas do meu trabalho nascem das minhas vivências, de tudo o que vejo, sinto, amo e perco, razão pela qual a autorrepresentação é uma constante. É um trabalho sobre sobrevivência, onde se cruzam vários interesses pessoais, literatura, desenho, pintura, cinema, música, fotografia.

O meio é a fotografia porque me interessa a sua ambiguidade, a sua ligação ilusória ao real. Mas antes de ser fotografia, há todo um processo: já fiz um fato de astronauta, construí um cavalo ou moldei uma orelha, depois há uma representação para a câmara e uma edição a partir desses registos.

Gosto de ligar imagens como se construísse uma história, mas a ordem das imagens pode ser trocada e a história passar a ser outra. A par da fotografia, surgem os cadernos onde desenho e intervenho com vários materiais e técnicas, aí, por vezes, existe o embrião daquilo que crescerá com um corpo fotográfico.

“Friday Night, Saturday Morning” nasce de um quase diário realizado entre 2005 e 2006. Não resultou de um projeto pré concebido, mas de impulsos vitais, ora pontuais ora contínuos.

São Trindade





Memory is something essential to the human condition. It is an essential element of our culture and our identity. It is memory that brings us closer or further from our affections. Through it we build individual or collective history.

With the project “Remembering...” we intend to gradually rebuild the microcosms of the various parishes of the city, to enrich our history and consolidate our identity.

This project begins with Penha de França and aims to be gradually extended to all the parishes of the city.

PRAÇA PAIVA COUCEIRO

RECORDAR...

Remembering...

A memória é algo de essencial à condição humana. Constitui um elemento essencial à nossa cultura e à nossa identidade. É a memória que nos aproxima ou distancia dos nossos afetos. Através dela construímos a história individual ou coletiva.

Através do projeto “Recordar ...” pretendemos, paulatinamente, reconstruir os microcosmos das várias freguesias da cidade, para enriquecer a nossa história e consolidar a nossa identidade.

Este projeto inicia-se pela Penha de França e tem por objectivo alargar-se gradualmente a todas as freguesias da cidade.

RECORDAR...

PENHA DE FRANÇA

A MEMÓRIA

A memória é uma ferramenta prodigiosa, o elo que permite ligar o passado ao presente, abrindo caminho ao futuro.

Por isso me tenho preocupado em dar um contributo para manter viva a nossa memória coletiva nestes anos em que estou à frente da Junta de Freguesia da Penha de França. Desde a edição de dois livros que ajudam a Penha de hoje a vislumbrar o seu passado, um deles dedicado a crianças, quer promovendo rubricas com o mesmo sentido na revista editada pela Junta, incluindo a parceria com uma grande protetora das memórias, a Biblioteca Municipal da Penha de França.

Foi também a construção de memórias que me agradou tanto na proposta para a freguesia do Imago Lisboa Photo Festival. E em duas vertentes muito relevantes. A partilha das recordações fotográficas, na Praça Paiva Couceiro, de quem aqui viveu no século passado. E a criação de memórias fotográfica por alunos do 2.º ciclo do Ensino Básico.

Na comunidade que é a nossa freguesia ou, no projeto escolar, na comunidade familiar, estamos unidos pela criação de memórias fotográficas e afetivas, pessoais e coletivas. Devemos continuar a acarinhá-las

Sofia Oliveira Dias, Presidente da Junta de Freguesia da Penha de França

Com o apoio de / With support of:



Fotos cedidas pela Sra. Iolanda Maria Ribeiro



Crianças na Parada do Alto de São João, anos 50 do séc. XX



Grupo de crianças mascaradas para o Carnaval
Parada do Alto de São João, anos 50 do séc. XX

Praça Paiva Couceiro

OUTROS ESPAÇOS OTHER SPACES

Arquivo Fotográfico Municipal

PAULIANA VALENTE PIMENTEL

Casa Independente

NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS DO INTENDENTE

Galeria das Salgadeiras

INÊS D'OREY

Módulo - Centro Difusor de Arte

FERNANDO MARANTE

Galeria Little Chelsea

JOSEPH LA MELA

Galeria Luís Geraldes

MARGARIDA DIAS

Pequena Galeria

MARIA COSTA

Casa Independente

PROJEÇÕES

Palácio Pincas Palha

PHOTOBOOK CLUB LISBOA

Carpintarias de São Lázaro

PHOTO FOLIO REVIEW

PAULIANA VALENTE PIMENTEL

NARCISISMO DAS PEQUENAS DIFERENÇAS

Esta série pretende retratar a juventude de S. Miguel nos Açores. Este tipo de abordagem vai de encontro ao que eu tenho vindo a desenvolver nos últimos anos – “Jovens de Atenas”(2012), “The Passenger”(2014), “Behaviour of Being” (2105), “Quel Pedra”(2016). Interessa-me a questão insular, perceber como se move a juventude, que tipo de grupos existem, o tipo de abertura e liberdade que têm e como se manifesta. Interessa-me igualmente a genuinidade e a transgressão. Este trabalho pretende ser um retrato intimista de jovens nos seus contextos sociais e paisagísticos.

Pauliana Valente Pimentel

Pauliana Valente Pimentel apresenta um conjunto de fotografias de ambientes, situações e pessoas, que mostram diferentes realidades da Ilha de São Miguel.

A artista partilha um olhar que vem de uma convivência diária, mas foge a uma acção documental e a uma ideia de estereótipo. De forma cuidada, revelando sem ser intrusiva, ou inquirindo sem estar a julgar, há uma visão sobre um quotidiano que é, ao mesmo tempo, estranho e natural.

A estranheza advém da forma como o peso da cultura, os hábitos e as tradições, contrastam com a natureza dos jovens que são retratados. A naturalidade advém da familiaridade que lhe foi permitida, num período de partilha e atenção.

Sérgio Rodrigues Fazenda



NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS DO INTENDENTE

“O Intendente, bairro histórico lisboeta, foi sempre uma zona popular de comércio, onde o espaço público é intensamente vivido. Este bairro sempre sofreu muitas conotações negativas, com problemáticas ligadas à prostituição, ao tráfico e ao consumo de droga e às sucessivas vagas de imigração. Hoje o processo de transformação deste bairro é muito rápido, em parte devido ao plano urbano implementado pelas políticas públicas, que pretendem revitalizar o tecido urbano e social desta zona. Este workshop leva os alunos a explorar o Intendente durante dez dias nas suas variadas vertentes, os habitantes, a dinâmica de rua, o comércio local, o dia e a noite, de forma a criar um projecto pessoal de acordo com a visão de cada um”.

Pauliana Valente Pimentel

O projecto Narrativas Fotográficas do Intendente teve início no ano de 2014. Nesta 10ª edição o Workshop foi dividido em duas exposições, a primeira com os trabalhos de Alice Fevereiro, Filipe Bianchi, Margarida Neves e Maria Helena da Bernarda, a segunda exposição contará com os trabalhos de Magda Rodrigues, Mariana Difini e Paulo Ribeiro Baptista.



Paulo Ribeiro Batista, De passagem / Passing by



Mariana Difini, Cozinha Popular da Mouraria



Magda Rodrigues, Deus e o diabo estão nos detalhes

Casa Independente

INÊS D'OREY

ANTECAMARA

A obra de Inês d'Orey convoca o espaço abandonado, a solidão, a morte ou, por vezes, uma subtil habitabilidade. De modo radical, quase que podemos afirmar que grande parte das imagens das suas séries corporizam metáforas da sociedade atual. Uma sociedade cada vez mais individualizada, onde os menos favorecidos são frequentemente votados ao esquecimento e ao abandono; a morte encontrada, não raras vezes, por aqueles que tentam fugir aos conflitos nos seus países de origem.

O conteúdo da sua obra deixa em suspenso uma estória, um apelo ao espectador para preencher, a partir da sua imaginação, o espaço deixado em aberto pela autora. Contudo, para além de narrativas mais ou menos ficcionais, a que a obra de Inês d'Orey convida, existe um corpo de trabalho que nos revela um cuidadoso e consistente percurso. Ao longo da construção das diferentes séries observa-se um fio condutor coerente e persistente. Para além de algumas outras representações, a sua obra desenvolve-se maioritariamente em torno de composições arquitectónicas donde resplandece o geometrismo e a luz. Nalgumas imagens o tempo de abandono parece-nos apontar para um caminho de decadência e ruína; noutras encontramos traços de modernismo onde o estrelato do cinema ou teatro brilhou outrora; noutras, ainda, são uma espécie de não lugar. Em geral, as exceções a estes modelos, apresentam-se expostas de formas distintas: caixas de luz, vídeo e outros. Os espaços arquitectónicos documentados pela artista revelam um trabalho de pesquisa, um minucioso cuidado no registo, através de uma composição e iluminação precisas. São espaços que oscilam entre o público e o privado, mas onde praticamente já todos nós experienciámos vivências, convocando, portanto, a memória individual.

Ao contrário da obra de James Casebre, que são realizadas a partir de maquetes, as imagens de Inês d'Orey partem de fragmentos do real, raras vezes manipuladas. A cenarização de cada lugar evoca um momento transitório entre a vida e a morte. Na fotografia Tokiwadai, por exemplo, podemos idealizar a morte de um velho estúdio fotográfico já não existente, mas cheio de memórias e vidas passadas. É uma imagem simples, confinada ao seu essencial, mas que nos permite efabular quase infinitamente. O banco onde cada cliente se sentava, na expectativa de glorificar a sua identidade e o tempo de espera para constatar se o retrato final correspondia ao esperado. Em Habitantes #3, tal como noutras fotografias, é bem evidente o jogo de linhas que conduzem o olhar do observador para a luz donde, subtilmente, se ergue uma personagem etérea.

Nesta exposição, não se apresenta uma série única, mas imagens de diferentes séries que, no entanto, revelam uma convergência nos diferentes trabalhos e permitem constatar o harmonioso e sólido percurso da autora.

Rui Prata



Habitantes #3



Tokiwadai

Galeria das Salgadeiras

FERNANDO MARANTE

THE QUESTION CONCERNING THE THING

Esta série de imagens sugere um jogo: ao mesmo tempo procuram uma identificação e fogem dela. Sabemos que estamos perante a representação de uma coisa, mas a imagem é ambivalente. Estas fotografias têm uma relação instável com os códigos que nos permitem definir o que vemos. São imagens-hipótese, uma acumulação de movimento e duração, sintetizada pelo olho mecânico da câmara fotográfica, que existem apenas como uma possibilidade teórica no mundo dos objectos. Enquanto ensaio visual, que toma de empréstimo o seu título do famoso curso de Heidegger “Die Frage nach dem Ding”, estas imagens estão mais interessadas na pergunta – O que é uma coisa? – do que nas suas respostas.



Estudo sobre a Possibilidade
do Movimento / Study on the
Possibility of Movement (2018)
Fotografia, 106x86 cm,
Impressão com tinta de
pigmento em papel Fine Art
Hahnemühle baryta, 315 gsm
Edição: 3 + 1 PA



Uma certa quantidade de tempo contida
numa certa quantidade de espaço / A certain
amount of time contained in a certain
amount of space (2019)
Fotografia, 50x42 cm, Impressão com tinta
de pigmento em papel Fine Art Hahnemühle
PhotoRag 308gsm, Edição: 3 + 1 PA

JOSEPH LA MELA

REQUIEM

Dublin, eu estava a expor alguns nus de início de carreira na “la dolce vita”, quando conheci Bragança em 2011. Ele veio ter comigo. Gostou das minhas fotos.

Paulo: “Porque é que você não me fotografa?”

Joseph: “Eu tenho por hábito fotografar raparigas”

Paulo: “Eu sou um fadista, sou famoso desde jovem. Desde que deixei Lisboa, ninguém mais me ouviu”

Joseph: “Eu também perdi o meu caminho Paulo; Estou de regresso do México e sinto-me sozinho”

Paulo: “Desejava voltar ao palco algum dia”

Joseph: “Não o posso ajudar tirando fotos”

Conduzimos para a Hill of Tara, um antigo local cerimonial e de enterro no Reino dos Ácaros, que outrora foi o local de iniciação e sede dos Reis Superiores da Irlanda.



Aqui, apresentamos os resultados inacabados de uma colaboração, espelhando dois artistas através da magia da fotografia.

Galeria Little Chelsea

MARGARIDA DIAS

DOGLESS

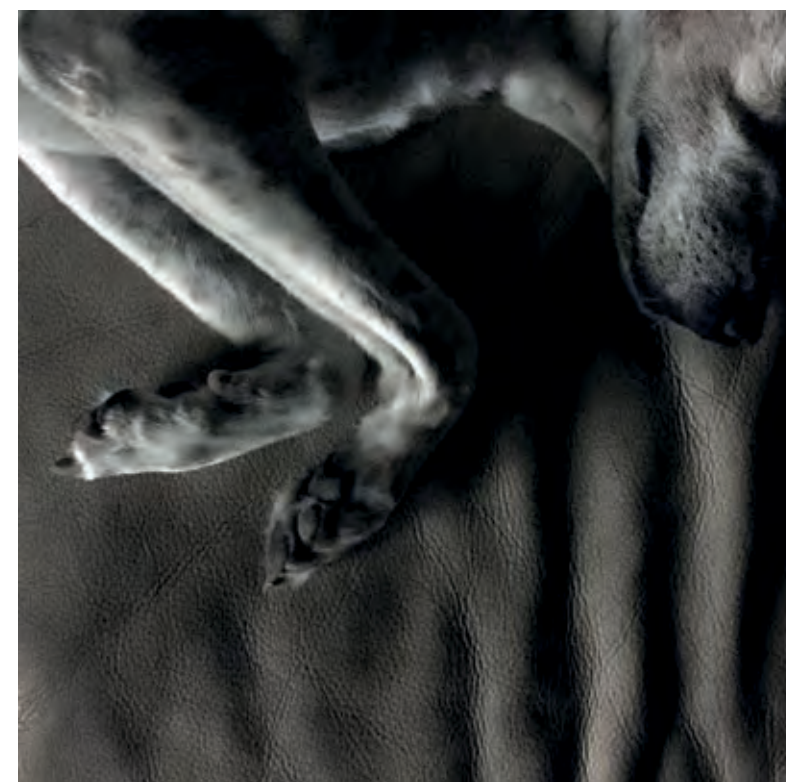
O cão olha a câmara. Sabe que ela vem para lhe roubar alguma animalidade; e, ainda assim, aceita-a. Do encontro fica um registo singular: focinhos de cão com olhares de homem; silhuetas canídeas recortadas de um horizonte de desamparo; figuras de ostensiva individualidade, quase dignas, ousando reconverter a solidão em estranhamento; e, inclusive, essa exibição extrema de vulnerabilidade que é a exposição de um corpo e da intimidade quase anatômica dos seus detalhes, em patas, ossos ou articulações.

O encontro entre o cão e a câmara sinaliza portanto, num primeiro momento, uma proposta de instabilização dos limites da animalidade. Da dos cães – e logo da nossa.

Desengane-se, porém, quem entender este sinal como um convite para lugares de préhumanidade ou como sugestão de reenvio para uma animalidade feita gênese ou origem à qual deveríamos voltar. É que, precisamente, os cães de Margarida Dias não estão no início, atrás de nós ou antes de nós; estão à nossa frente e olham para nós desde o futuro. É daí, de onde estaremos um dia, que nos interpelam. O que é perturbante é que eles parecem já saber daquilo que nós insistimos em não saber: que o desamparo, a que também já se chamou uma heteronímia sem sujeição, pode constituir exercício de liberdade; que a declinação da dignidade em estranhamento é talvez o modo de contornar o tempo vicioso da expectativa, quer dizer, o circuito neurótico da melancolia, da ansiedade e do medo; e que, lacanianamente falando, só viver sem esperança assegura viver sem medo.

Insistimos em desconhecer esse lugar; eles, os cães, já nos olham desde lá; eles e Margarida Dias. Como sempre acontece ao longo da sua obra fotográfica, trata-se de imagens afirmativamente conciliadas com a sua primordialidade, isto é, com a sua corajosa função de nos verem. É por isso que estas imagens que nos vêem só poderiam ter esta dimensão (50x40, 40x30, 30x24, 50x50, 60x80) e que qualquer gigantismo seria incompatível com este olho que nos olha e falsificaria essa relação, inclinando o poder de ver para o nosso lado. Ora, aqueles cães estão à nossa espera. Vêem-nos. E o aviso que nos endereçam desde o futuro é este: dogless. Quer dizer, não somos suficientemente cães. Falta cão em nós por manifesta dificuldade de reconhecimento de um desamparo e de um estranhamento que insistimos em perceber mais como condenação do que como possibilidade de reinvenção do circuito dos afectos. Por algum motivo, que sempre desconhecemos, os cães não disponibilizam este aviso diretamente para nós mas apenas a quem aceita ser visto por eles no instante mesmo em que simetricamente os capta; apenas àquele olhar tecnicamente lúcido, louco e terno; olhar de fotógrafa, em suma.

Rui Cunha Martins



Galeria Luis Geraldes

MARIA COSTA

FRAGMENTOS

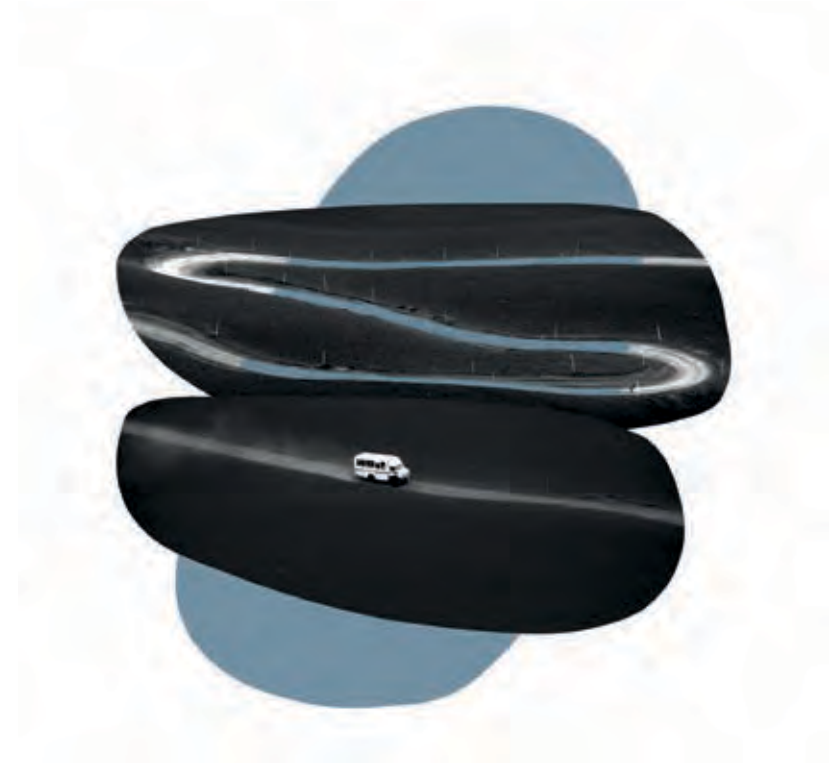
A capacidade que cada um de nós tem em reter imagens é limitada. Como um qualquer computador, o nosso cérebro faz uma limpeza constante, assim abrindo espaço para que novas imagens possam ser guardadas na memória, num permanente exercício de renovação que, com o decurso do tempo, vai tornando cada vez mais difuso, ou impreciso, o que recordamos.

Por onde passamos, há lugares que nos ficam na memória, outros nem tanto. Facilmente nos convencemos que, à medida que o tempo se encarrega de filtrar o que guardamos na memória, o que fica é aquilo que mais queremos recordar. O que fica já não corresponderá, no entanto, à imagem tal como ela foi captada no momento. Quando recordamos, apenas recordamos parcialmente, apenas recordamos uma parte do que vimos, um fragmento do que vivemos. E os olhos com que nos surgem esses fragmentos que a memória nos traz, muito provavelmente já não serão os mesmos com que foram percecionadas as imagens originais que lhe estão na base. A razão pela qual se conserva na memória este ou aquele detalhe e não outro é, quantas vezes, do domínio do indecifrável. Ou talvez seja aquilo que Milan Kundera, na sua *Insustentável Leveza do Ser* e a outro propósito, cunhou como “milionésima parte de diferente”, que permita que, justamente, um determinado fragmento, num certo lugar ou momento captado pelos olhos, se destaque de tudo o mais: a sua natureza única e irrepetível, algo que o distinga do que o rodeia ou acompanha, um “não sei o quê” que, ainda que “invisível” ao primeiro contacto, acabe por se fixar no nosso subconsciente, como uma manifestação ao retardador do lado místico, sublime ou transcendental de uma imagem.

É nessa direção que este trabalho, ao focar-se apenas numa parte da imagem total originalmente captada, aponta: a capacidade limitada de armazenamento e escolha seletiva que cada um de nós, muitas vezes inconscientemente, faz com a informação visual que nos chega. Uma porta ou uma janela que não sabemos a que edifício pertence, uma estrada que já não conseguimos situar – estará a Norte ou a Sul? –, uma rede de volley à deriva numa praia deserta de areia negra, não serão mais, afinal de contas, do que emanções da nossa consciência, o resultado de cruzamentos e interações com as nossas experiências passadas e ambições futuras, o culminar de um processo de síntese com uma mensagem em código à espera de ser decifrada? Ou, simplesmente, uma porta aberta para a imaginação resultante de uma escolha aleatória feita pela câmara?

Certo é que, quem atente nas imagens expostas, e seja qual for a leitura que faça de cada uma delas, dificilmente conseguirá escapar à armadilha que este jogo de matrioskas russas lança. Ficará apenas por se saber que fragmentos delas reterá no futuro, que “milionésima parte de diferente” destacará em toda a informação visual apreendida.

Diogo Leote



PROJEÇÕES

PROJECTIONS

casa independente

24.10.2019 / 22:00

THE WALL

In the year that celebrates 30 years of the fall of the Berlin Wall, the daily life of several countries behind the wall is revealed through the eyes of five authors: Dana Kyndrová, Iren Stehli, Jaroslav Kucera, Jiri Hanke, Vladimir Birgus.



O MURO

No ano em que se celebram 30 anos sobre a queda do muro de Berlim revela-se o quotidiano de diversos países para lá do muro através do olhar de cinco autores: Dana Kyndrová, Iren Stehli, Jaroslav Kucera, Jiri Hanke, Vladimir Birgus

PHOTOBOOK CLUB LISBOA

PALÁCIO PANCAS PALHA

O Photo Book Club Lisboa é uma organização conjunta do THE PORTFOLIO PROJECT, da IMAGERIE e do COWORKLISBOA – <http://coworklisboa.pt/pages/contactos> – dinamizado localmente pelos fotógrafos Arlindo Pinto, Elisabeth Vieira Alvarez, Magda Fernandes, Paula Arinto, Susana Paiva e pelo designer Fernando Mendes, tendo como objectivos a promoção, reflexão e discussão em torno do livro de fotografia enquanto forma particular de discurso fotográfico, convidando fotógrafos, galeristas e editores a apresentar os seus livros de eleição.

Todos os meses o Photo Book Club Lisboa elege um livro de fotografia que apresenta publicamente, numa sessão de entrada livre e gratuita, nas instalações do COWORKLISBOA, na LX Factory.

Em parceria com o Festival IMAGO Lisboa o PBC realiza agora uma sessão extraordinária, durante o mês de Outubro, convidando a autora paula roush, que apresentará, desta feita no Palácio Pancas Palha, diversos trabalhos editoriais.

Entrada livre

Photobook Club Lisboa is an informal and collective organization, joining photographers Arlindo Pinto, Elisabeth Vieira Alvarez, Magda Fernandes, Paula Arinto, Susana Paiva and designer Fernando Mendes, as representatives of THE PORTFOLIO PROJECT, IMAGERIE and COWORKLISBOA, co-organizers of the event.

Having place once a month, PBC Lisboa aims to promote a reflection about photobooks as a particular form of photography authorship and therefore invites, for every session, photographers, editors, collectors and curators to present and share books of their choice.

Together with IMAGO Lisboa, PBC Lisboa organizes an extra session in October, inviting author and editor Paula Roush to present her publications.

Free entrance

Palácio Pancas Palha

19.10.2019

17:00 – 19:00

PHOTO FOLIO REVIEW

CARPINTARIAS DE SÃO LÁZARO

ALAIN JULLIEN

*Director of Kanyikan and Archive
on recent past, France*

ALFREDO DE STEFANO

*Cultural Manager Founder of Luz del Norte,
Montrey, Mexico*

ALLA RÄISÄNEN

*Director of Northern Photographic Centre,
Oulu, Finlândia*

AMELIE SCHÜLE

*Curator at Unseen,
Amsterdam, Holland*

ANA MATOS

*Director of Salgadeiras Gallery and curator,
Lisbon, Portugal*

ANNA TELLGREN

*Curator at Moderna Museet,
Stockholm, Sweden*

BEATE CEGIELSKA

*Artistic director, Galleri Image,
Aarhus , Denmark*

CAROLINE VINCART

*Curator - researcher at FOMU
(Fotomuseum Antwerp) Collections, Belgium*

ELINA HEIKKA

*Director at The Finnish Museum of Photography
in Helsinki, Finland*

JENS FRIIS

*Independent curator, photo historian and publisher/
editor KATALOG – Journal of Photography & Video,
Denmark*

JUAN CURTO

*Director of Camara Oscura Galeria de Arte,
Madrid, Spain*

MÁRIO TEIXEIRA DA SILVA

*Director of Módulo – Centro Difusor de Arte,
Lisbon, Portugal*

NUNO RICOU

*Director artistico da Parallel – platform based on
photography, Lisbon, Portugal*

paula roush

*msdm studio / London South Bank University,
United Kingdom*

PAULO CATRICA

*Photographer, teacher and researcher,
Lisbon, Portugal*

SVETLANA BACHEVANOVA

*Publisher FotoEvidence
New York, USA*

TRISH LAMBE

*Co-director of Gallery of Photography,
Dublin, Ireland*

Carpintarias de São Lázaro

17. & 18.10.2019

10:00 – 17:00

Pentti Sammallahti nasceu em 1950 em Helsínquia, Finlândia. Cresceu rodeado de trabalhos da sua avó Hildur Larsson (1882–1952) fotografa de origem sueca que trabalhou para o jornal Kaiku no início de 1900. Após ter visitado a exposição The Family of Man no Helsinki Art Hall (1961), Sammallahti começou a fotografar regularmente com 11 anos e juntou-se ao Helsinki Camera Club em 1964. A sua primeira exposição individual teve lugar em 1971.

Demetris Koilalous nasceu em Atenas; inicialmente trabalhou como fotógrafo freelance, particularmente em retrato e fotografia de teatro. Colaborou com diversas instituições públicas e privadas. Trabalhou igualmente para diversas instituições governamentais, teatros e museus. Desde 2004 que se dedica ao ensino da fotografia. A sua obra está publicada em muitas revistas e realizou exposições na Europa e Estados Unidos.

Filippo Zambon nasceu em Florença onde estudou História de Arte, na Universidade local. Após ter trabalhado como assistente de um fotógrafo de guerra, mudou-se para Helsínquia, onde concluiu um Mestrado na University of Arts de Helsínquia. A sua obra tem sido exposta em várias galerias e museus na Europa. A sua primeira monografia “The Komi Diary” foi galardoada como o melhor foto-livro de 2018.

Jon Casenave nasceu em 1976 em São Sebastião, Espanha. Desde 2007 que tem trabalhado e pesquisado num projeto relativo às suas raízes intitulado Galerna. O seu trabalho tem sido exposto em muitas instituições internacionais que em Espanha quer em muitos países europeus: Canal Isabel II, Museu de Antuérpia, Guangdong China. Também participou em festivais de fotografia como Les Rencontres d’Arles, p. Ex.

Jonathan LLenese nasceu em 1984 em Seclin, França. Licenciou-se na l’École Supérieure des Beaux-arts de Valenciennes em 2010 e posteriormente fez o curso na l’École Nationale Supérieure de la Photographie d’Arles, 2013. Em 2014 a exposição «DISPONIBLE-553201-8056» na galeria IFAL no México apresenta a sua obra realizada durante uma residência. Participa também na coletiva «Inside/Outside territory» durante a UNSEEN em Amesterdão. Desde 2018 que trabalha com a galeria Espace JB à Genève e The Link mgmt em Paris.

Katrien de Blauwer estudou arte em Gant e moda em Antuérpia. As foto-colagens de Katrien De Blauwer são tangenciais à moda, dança, cinema e fotografia. Alguns chamam-lhe “fotografa sem câmara”. Outros definem o seu trabalho como “pós-fotográfico”. A sua obra recorre à apropriação de imagens de revistas que sofrem um processo de renovação e manipulação.

Laurence Rasti nasceu na Suíça mas de pais iranianos. Estudou fotografia na Escola Cantonal de Arte de Lausanne. O seu trabalho reflete a sua dupla raiz cultural, questionando os papéis de identidade e beleza, com particular ênfase nas questões de género no Irão e no Ocidente.

Liza Ambrossio começou a sua prática artística aos dezasseis anos quando pediu a uma empregada doméstica da casa de sua mãe para roubar fotografias de álbuns de família para comprá-las. Depois de sua licenciatura em Ciências da Comunicação e Design na Cidade do México, ela foi premiada com a bolsa Descubrimientos para um mestrado em fotografia e projetos artísticos no PIC.A (PHotoEspana) O seu universo incorpora símbolos alusivos à feitiçaria que se mistura com a sua narrativa escrita. O seu trabalho foi revisado pelo British Journal of Photography, pela The Magnum Foundation e pela Vogue Italy. Ela foi premiada com o Voies Off em Arles e o Novo Talento da FNAC.

Malú Cabellos (Lima, 1971). Artista visual com formación en Sociología y Fotografía. Licenciada en Sociología por la Universidad Nacional Mayor de San Marcos y graduada en el Master Latinoamericano de Fotografía Contemporánea-Maldefoco 2015 del Centro de la Imagen de Lima. Durante diez años ha trabajado como reportera gráfica de los principales medios escritos de Lima y como editora gráfica de publicaciones. Desde el 2007 trabaja como realizadora audiovisual de proyectos documentales. Ha dirigido dos cortometrajes que han sido premiados en los concursos nacionales de DAFO-Ministerio de Cultura. Ha sido directora de segunda unidad del largometraje “De Ollas y Sueños”, película inaugural del Festival de Cine de Lima en el 2009. Ha realizado diversas exposiciones fotográficas colectivas y dos exposiciones individuales, “Memoria Inca” (2007) sobre el recuerdo del último Inca en los andes e “Isla Azul” sobre la ciudad amazónica de Iquitos y la historia del caucho.

Melanie Walker é uma artista com uma prática de mais de 50 anos. A sua experiência localiza-se na área da fotografia alternativa que recorre a vários processos químicos ou digitais. Fez a sua formação na San Francisco State University onde também lecionou. A sua longa carreira está galardoada de diversos prémios, que inclui o NEA Visual Arts Fellowship, Colorado Council on the Arts Fellowship and an Aaron Siskind Award

Nydia Blas é uma artista no campo das artes visuais de Ithaca, Nova Iorque. Após uma licenciatura, cumpriu um Master na Syracuse University of Visual and Performing Arts. A sua prática artística incide particularmente nas questões de cor e género e a sua obra tem sido alvo de várias distinções internacionais donde podemos salientar o Globat Talent Program for North and Central America.

Shen Chao-Liang was born in Tainan, Taiwan in 1968. He obtained his master degree from the Graduate Schools of Applied Media Arts at Taiwan University. He worked as photojournalist for the Liberty Times and was the chairman for the Porttfolio Review Committee, Young Art Taipei.

Virginie Rebetez obteve a sua licenciatura em 2005 na Escola de Fotografia de Vevey e mais tarde, 2008, cursou na Gerrit Rietveld Academie of Amsterdam. Vive em Lausanne, Suíça. A sua obra tem sido regularmente apresentada em museus e galerias, quer no país natal, quer noutros países europeus. Recebeu variadas distinções de instituições de arte.

Augusto Brázio [Brinches (Serpa.PT): 1964]. Estudou na Escola Superior de Belas Artes, Lisboa. Iniciou o seu percurso como fotógrafo no começo dos anos '90 do séc. XX, trabalhando na imprensa. Paralelamente colaborou com a produtora de musical União Lisboa, onde realizou diversos trabalhos com músicos. Em 1996, começou a colaborar na revista DNA, do Diário de Notícias, onde, até 2006, assinou inúmeros trabalhos na área do documental e do retrato. Em 2004, foi convidado a integrar o colectivo de fotógrafos Kameraphoto, onde desenvolveu diversos projetos, pessoais e colectivos. Colabora regularmente com diversas publicações internacionais. Foi, em 2008, prémio de fotojornalismo Visão / BES. Nos últimos anos, focou-se em projetos pessoais, onde reflete sobre questões de imigração, pertença e ocupação do território. Os seus trabalhos estão representados em várias coleções públicas.

Luísa Ferreira Fotógrafa independente, vive e trabalha em Lisboa. É mestre em Design e Cultura Visual – Estudos de Fotografia, pela Escola Superior de Design (IADE), escola onde é também professora. Começou a fotografar profissionalmente em meados dos anos 1980. Enquanto fotógrafa profissional, integrou a equipa de fotojornalistas fundadores do jornal Público e trabalhou para a agência de notícias norte americana Associated Press. Expõe individualmente com regularidade desde 1989, desenvolvendo projectos pessoais que incluem muitas vezes a edição de livros. Integrou a exposição Au Féminin. Women Photographing Women 1849-2009, no Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Paris, 2009. Expôs nos Encontros de Imagem de Braga nos anos 1994, 1995 e 1996 e nos Encontros de Fotografia de Coimbra em 1994. Foi Primeira Escolha nos Recordados Fotográficos da ARCO98 (Madrid) com Éter.

Na Galeria Monumental, expôs, em 2018, o projecto Branco – um trabalho desenvolvido a partir do auto-retrato para construir a noção de ficção identitária, que incluiu a edição de um catálogo/livro de artista com o mesmo título.

Pedro Letria é um artista português nascido em Lisboa em 1965 cujo trabalho reflecte questões levantadas pela deslocação geográfica e cultural e o sentido de pertença ou alienação identitário. O seu uso de fotografia e texto são uma reflexão de como a imagem e a linguagem funcionam sozinhos ou como quando combinados estabelecem um discurso alternativo. Espelhando o seu próprio percurso multicultural, as suas fotografias têm sido amplamente divulgadas e publicadas e Pedro Letria é autor de 6 monografias, incluindo Mármore, editado pela Assírio e Alvim, de 2007 e The Club, editado pela Pierre von Kleist, de 2014. O seu trabalho tem sido exposto em locais como o centro Cultural de Belém, Fundació Foto Colectanea, em Barcelona, Parc de la Villette, Paris, Galeria Olido, São Paulo e a Kunsterhaus Bethanien, Berlim. Fotografias e livros seus fazem parte de colecções públicas e privadas, como o Centro Português de Fotografia, Centro de Artes Visuais, Coimbra, a colecção BES Art, John M. Flaxman Library, Special Collections, School of the Art Institute of Chicago, EUA e a Special Collections Fleet Library, Providence, EUA. Com um B.F.A. do The School of the Art Institute of Chicago, E.U.A., Pedro Letria foi bolseiro Fulbright e Gulbenkian e tem um M.F.A. da Rhode Island School of Design, E.U.A.. Ensina na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha desde 2000.

São Trindade Licenciou-se em pintura pela FBAUL. Tem mostrado individualmente o seu trabalho e participado em várias exposições coletivas. Está representada em colecções institucionais e privadas. Publicações: “Bad Liver and a Broken Heart”, Ghost Editions, Lisboa, 2012. Vive e trabalha em Lisboa.

Pauliana Valente Pimentel 1975. Lisboa. Como artista visual e fotógrafa freelancer, faz trabalhos de foto-reportagem desde 1999 para diversos jornais e revistas como exposições individuais e colectivas em Portugal e no Estrangeiro – Espanha, Itália, Inglaterra, Alemanha, Grécia, Turquia, EUA, China, Marrocos e Cabo Verde. Em 2005, participou no curso de fotografia do Pro-grama Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Pertenceu ao colectivo [Kameraphoto] desde 2006 até à sua extinção em 2014. Em 2016 funda o colectivo N’WE. Em 2009 foi publicado o seu primeiro livro de autora “VOL I”, pela editora Pierre von Kleist, “Caucase, Souvenirs de Voyage”, pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2011 e em 2018 “Quel Pedra” pela Camera Infinita. Realizou também diversos filmes: “Diz-se que Portugal é um bom país para se viver”, 40’, Portugal 2011; “Youth of Athens”, 13’. Athens, Greece, 2012; “Entre Nous”, 51’. Portugal, França, 2014. Em 2015 recebeu o prémio de Artes Visuais, do melhor trabalho fotográfico do ano, “The Passenger” pela Sociedade Portuguesa de Autores. Em 2016 foi nomeada para o Prémio “NOVO BANCO Photo”, pela série “The Behaviour of Being”, tendo apresentado “Quel Pedra” no Museu Berardo. Esteve durante cinco anos representada na Galeria 3+1 Arte Contemporânea e sete anos pela Galeria das Salgadeiras, em Lisboa. Actualmente colabora com diversas galerias. Parte da sua obra pertence a colecções privadas e institucionais, tais como Fundação Calouste Gulbenkian, Partex, Fundação EDP e Novo Banco.

TRADUÇÕES / translations

RETROSPECTIVE

PENTTI SAMMALLHTI

Page 11

Pentti Sammallahti is a master of classical black-and-white photography and a pioneer of Finnish photographic art. Wherever he goes on the globe, his photographs take the viewer beyond everyday experience. In Finland, France or Russia – his pictures are characterized by a gentle humor and the captivating spell of the black-and-white photograph. In his universe things that are considered unimportant become significant, and the essentials are only discovered by looking carefully. Sammallahti, who started his career at the beginning of the 1960s, is one of the first Finnish photographers to have carried out his entire life’s work as a photographic artist. He has a high regard for craftsmanship, and is also known for his skillful printing of photographs and his high-quality printing of pictures using photomechanical processes. Along with individual pictures, Sammallahti has made thematic portfolios, their subjects ranging from a pilgrimage to a Roma market, and from dogs to doves.

NEW VISIONS

JON CAZENAVE / UR AITZ

Page 20

The roots of Cazenave’s work penetrate into his homeland, the Euskal Herria (Basque Country), as a kind of rhizome that has been growing and expanding over the years. In the beginning he approached concepts such as identity and property with an omnipresent backdrop: the landscape. Over time, this natural setting, traversed by the culture and history of the human being, was presented as a backbone of his work. It is developed in multiple directions ranging from the vestiges of prehistory until a metaphysical drift, connecting it with the universal essence of nature. What at first was a documentary record began to hold much symbolism and created a dynamic relation with the landscape, intervening in the support that represents it, or acting directly in the materials that inhabit it.

UR AITZ is the project that stimulates experiments. There are different formalisations in it which express its intimate relation with the landscape. They all belong to it and contribute with fragments of meaning to the totality of this work. The mural mosaic presented in the exhibition narrates the arrival of the waves to the earth and their return to the sea, through a fixed plan, which multiplies in the space, making the cyclical lapse of time visible. On January 4, 2016, Jon Cazenave photographed between 10:37 a.m. and 10:42 a fragment of the waterfront of San Sebastián where the waves crash against the rocks during a storm. This clash, he says, left a mark in the land where he grew up. After returning to his studio, he filled in the computer screen with all the obtained records. He then decided to distribute them chronologically and discovered that the arrangement of the photographs

generated unexpected visual rhythms, something similar to the breathing of the sea during those five minutes. After it, he created a seven-line mosaic composed of 30 images each: a nod to the lunar cycles that originate the tides. In fact, the annual calendars that represent the moon cycles form a mosaic with an amazing isomorphism created by Jon Cazenave: a tiny atlas of a brief space recorded in a short time.

From afar, the surface of this mural made of fragments seems to mimic the succession of comings and goings from the sea to the coast. Move yourself forward and back. This is how Cazenave's mural invites us to contemplate it by going back and forth. This is a proposal for its visualisation and, simultaneously, of unconscious internalisation of the rhythmic cycle that shapes it. This constant and repetitive process confirms, once again, that nature is constantly changing. Sometimes art, like nature, as Being, not only it is, it happens. Alejandro Castellot

DEMETRIS KOILALOUS

Page 24

CAESURA is a collection of photographs about the transitory state of refugees and migrants who have entered Greece after crossing the Aegean Sea on their way to Europe. Typically the term CAESURA refers to a brief silent pause in the middle of a poetic verse or a musical phrase, used in this context as a metaphor for a silent break amid two violent and distressed periods.

The landscape of CAESURA stretches reclusive and undisclosed, without distinct landmarks, nevertheless at the same time it remains a real place, absolutely relevant to the topographic context of the Greek borderland. An in-between space without solid identity -like a barren battlefield- caught in an intermediate and fleeting time.

The people of CAESURA appear to be trapped in an ephemeral and transitory space. They transmit an ambiguous feeling of restlessness and tranquility, emanating a sense of timelessness and durability as if they have existed beyond time -standing determined between two discontinuous moments.

CAESURA is a collection of personal narratives and private moments of people who wanted to declare in a silent and a heroic way their new condition as an element of their freedom. They are people who desired to be photographed – like a passage to immortality – exactly because they have achieved to arrive safe, almost like melancholic knights after the battle.

Ultimately, CAESURA does not only address those who were photographed. At the same time it mostly refers to those who weren't photographed since it essentially addresses the generic identity usually attributed to the fugitive, the one who runs away, the person who adopts an intermediate temporary identity and focuses mostly at a personal and an existential level, attempting to raise questions about human condition and identity.

CAESURA does not intend to provide answers or make a historic statement about this phenomenal mass exodus – a unique experience for post Europe. Behind the stereotypical nameless mask of the 'refugee', these are the portraits of the new European citizens bearing with them the melancholy of their past and the hardship of their route, while demonstrating a determination to place themselves in a new global reality and a commitment to negate the anonymity of History.

FILIPPO ZAMBON / THE KOMI DIARY

Page 28

Syktyvkar is a city in the north of Russia, the small capital of the Komi Republic, home to a Finno-Hugric ethnical group which land was colonized by the Russians centuries ago. Far from any major Russian cities and from the fast life and economical development of the west, it is a city at the "end of the empire".

The two ethnic groups, Komi and Russians, have lived together for a long time, mixing their roots and merging their iconography and traditions. Komi traditional folklore, Soviet symbolism and contemporary Russian culture have merged into the daily life of this provincial city.

Syktyvkar, which in Komi language means "the city on the river" is an unknown entity even for most Russians. Capital of a rich natural region close to the Ural Mountains and the land of the Nenets.

During the Tsarist time this was a place of political exile and many war prisoners were sent here. During World War II the Red Army forced hundreds of German prisoners into the region, many of their descendants are still living here. The Soviets used the region as a Gulag. Prisoners were sent to the labour camps from all over the USSR. Many survived and stayed, working in the paper factory of Eshva, a suburban part of Syktyvkar.

Nowadays most of the young people want to move to Saint Petersburg or Moscow, where there are more possibilities and a more lively future. Those who stay complains that the city will decay and vanish, that will be forgotten even by its own citizens.

Due to a strange twist of fate this remote place has become my second home. During the last years I have experienced the daily life of a place that has little by little unfolded its secrets. But to represent the totality of a community, its complexity and variations, requires more than just a field study or cultural research. It requires a complete emotional submission to its essence. The history of this place has become my history and my experience and work has become part of that iconographical mix that this place is full of. *Filippo Zambon*

SHEN CHAO-LIANG / SINGERS & STAGES

Page 32

Since the 1970s Taiwanese society has developed a cabaret culture unlike that of Western countries. At that time actors were invited to entertain at all kinds of celebrations, from wedding receptions and religious ceremonies to funerals. The owners of these small family businesses converted their trucks and vans into small mobile theatres, with which they toured the country. Their singular forms have gradually evolved over time. The design and decoration of the country's more than 600 "truck theatres" reflect popular trends, from the corniest to the most modern, with comic-book and anime characters, space-ships, scenes from movies, architectural icons and the cutting-edge iconography of video games and discotheques. These spectacular truck-mounted stages can weigh between 8 and 15 tones. They are fitted out with sophisticated sound technology and light boards programming, and the performances given on them include choreographies inspired on the most famous TV shows and music videos. Apart from singers, they feature pole-dance, contests and shows by drag queens, jugglers and comedians.

Shen Chao-Liang began to photograph these shows in 2005, documenting in black and white the interaction between performers and audiences. The resulting series, called Taiwanese Vaudeville Troupe, featured a markedly journalistic style clearly influenced by his work as a photo reporter for the Liberty Times newspaper in Taiwan, where he rose to the position of Deputy Chief of Photography. But just a year later he radically changed his approach to the theme of the mobile stages, switching from black and white to colour and depicting them with parameters closer to the typologies used in conceptual art and cultural studies. At almost the same time as he was taking these "portraits" of stages he was also photographing the singers. The result was published in photobook form in 2013.

Singers & Stages, is a game of dualities. Shen almost always photographs empty stages, with a solitude that highlights the strangeness of their presence in the natural or urban landscape. In fact, when they are set up outside a town they exude an odd spirituality: the shining lights blend with the magical atmosphere of the landscape, which acts as a second backdrop, composing an unusual contrast between the strident echoes of the music that usually surround them and the hypnotic light of dusk.

There is silence in his portraits of stages and silence in the relaxed faces of the singers: who are the visible main characters of these family businesses. His decision to portray them in black and white makes them look like those musicians and actors who are always on the road and seem not to belong anywhere. They pose with their sexy clothes deprived of their glowing bright colours, as if they could only light up and become stars when night falls and the show begins. The backgrounds behind them highlight the absence of glamour in their day-to-day

lives backstage: they include parts of truck cabs, tarpaulins, awnings, metal fences and structures, vending machines and featureless walls. Transit places for people on the move.

Shen Chao-Liang's photos provide additional information: through this popular tradition they illustrate how Taiwanese society has gradually developed into a more industrial and modernized economy. The stages' coloured lights come on at night, like those of the spectacular skyscrapers or the thousands of neon signs that flood the shopping streets of any major city in Asia. "A city that never sleeps" is the repeated mantra for the most active large cities. These lights are a symbol of both modernity and consumerism: open shops and heavy traffic at all hours, nightlife, leisure attractions, and offices working. They show the resplendent muscles of architecture as a metonym for the people and the society that lie behind them. This is a very different aesthetic from that of the mystical gloom depicted by Junichiro Tanizaki in his famous book *In Praise of Shadows*. Alejandro Castellote

JONATHAN LLENSE / EL UNO SIN EL OTRO (MEXICO, 2014)

Page 36

Jonathan LLenso's process is shaped by daily walks through the city. Guided by a first intuition, he plays with his environment combining already-there elements in order to implement a new and playful perception.

In its work, urban and private spaces appears to be inexhaustible source of inspiration and discovery. LLenso identifies visual systems, default forms, arrangements and DIY, where the power of evocation that they contain is due to the recurrence of compositions and gestures and which he subsequently makes interact with his surroundings. His pictures are mostly presenting people and objects in odd configurations and situations, staged and constructed in a direct dialogue to his daily experience. Bodies, trivial and scrap, natural or industrial elements, suddenly become the subject of a game of formal associations, semantic shifts, two dimensions or three dimensions collages, which are photographed and shown for themselves in the exhibition space.

Within these archaic gestures, these vernacular detournements, LLenso restores all the theatricality of everyday space altered by its users. He is offering a amused look about things around us, about these every life scenes and reveals the potential of pleasurable experimentation they reserve.

MELANIE WALKER / ON LONGING

Page 40

On Longing is part evolving allegorical (photo)-graphic narrative called Nomadic Dreamer. It began in the 1980's when homelessness came into national focus along with questions about cultural norms connected to home, family, gender

specific roles, overpopulation, tradition and the human condition. I returned to this project recently to re-address related concerns such as immigration issues for those who seek asylum migrating from war ravaged countries and environmental collapse. Using the image of a house and that conceptual framework as metaphor, I seek to address our collective longing for connection and our similarities in these challenging times of global strife.

Connected by metaphor, place and association, disparate images are woven together as are life experiences in dreams. Wanderings through memory, body, mind and world are synchronized into a rhythm of thought, like a chord...walking and falling...

The word wanderlust designates a strong desire for and an impulse to wander. Not all wanderings are equal. Some rise from desire, others from necessity. Migrations are a part of our collective human history.

Refuge, Refugee, Longing, Belonging, Belongings, Longing to belong...

This work combines landscape images and glimpses of daily routine in ways that address the layered and fragile nature of time, sense of place and memory. I seek the intervals. The spaces between us.

My family name derives from Weaver of the Cloth in Gaelic. My father was a photographer and my mother, a seamstress. Over the last 50 years I have married photography and fabric into the tales I weave using allegory.

I was born legally blind in my left eye with uncorrectable vision that leaves me questioning what is real. My earliest memory involved my eye surgeries at age 3. I woke up strapped into a hospital bed with an eye patch over one eye and saw a chimpanzee riding a tricycle down the hospital hallway wearing a band leader's uniform. This early memory has been instrumental in the formulation of my unique perspective.

The word 'nonsense' is based on the assumption that there is 'sense'. As a visually impaired artist I employ haptic sensibilities, proprioception and transparency in order to create immersive experiences that might parallel how I experience the world through my vision challenges and hopefully allow viewers to question the nature of reality. *Melanie Walker*

MALÚ CABELLOS / REBELADOS (REBELS)

Page 44

For years, Amazonia has been a subject matter in the contemporary art of Latin America and especially in the countries that share this territory. Some artists are revisiting and analysing, from a historical perspective, the conflicts triggered by the rubber race and the consequences suffered by the indigenous communities. In 2015 Malú Cabellos started working on an investigation about the capital of

the Peruvian Amazonia: Iquitos. At the Amazonian Center for Anthropology and Practical Application - CAAAP, Malú discovered a collection of photographs that inspired her project Rebelados. The images she selected for the project are part of the Photo Album Consular Commission Trip of the Putumayo River and Tributaries. It was performed in 1912 by Silvino Santos, who is a photographer and Portuguese cameraman living in Manaus, from August to October that year. The album was commissioned by Julio Cesar Arana, major shareholder of one of the most important rubber companies: Casa Arana, which was registered by his British partners in London under the name The Peruvian Amazon Company. That request sought to reverse the deteriorating image of the company, which had received serious complaints against it. This company's treatment with the natives included slavery practices, punishment and torture, even killing the ones who ran away or refused to work. It is estimated that between 1903 and 1910 Casa Arana would have been the cause of the extermination of 30,000 Indians.

Malú Cabellos intervened in the digital files of the album to individualise the subjects and make them visible in a different context. An attempt to restore their identity using the present time. The solution to represent them with dignity was suggested by the most important community in the Peruvian Amazon: the Ashaninka. The families of this ethnic group started an emancipation project that allows them to obtain an autonomous source of income, disconnected from the big industries and linked to the local tradition: the processing of natural latex *. It is extracted from the rubber trees -Hevea brasiliensis - and transformed into translucent leaves, which have their own textures and tonalities, as well as a deep smell of wet forest. Malú Habel prints negative fragments of the Indian faces on these slides. By illuminating the leaves behind, the portraits are merged with the textures of the great rubber trees. The light reveals the image of the people outraged against their condition of being forgotten by history: they invade our present time. *Alejandro Castellote*

* (The latex leaves are handcrafted by members of the Rubber Producers' Association of the Pichis River, in the eastern part of the Peruvian region of Pasco.)

KATRIEN DE BLAUWER / ELEVEN STORIES

Page 48

Katrien de Blauwer lives and works in Antwerp (Belgium), her artistic practice is based in collage, and we shall find behind this term an idea of a global attitude, more than a categorisation or a division. Her artistic idyll with collage started early, as a young woman and student of art and fashion. As a prelude to her current research, her mood-books of the early times already showed a bulimia for the image and, beyond the image, an unlimited fascination for its construction.

This is a spontaneous process, free like a gesture that distorts the image. Her work is nurtured by forgotten photographs that she recycles, cuts and combines. Sometimes they are painted. The brush stroke is as dry as a scissor stroke. Behind that intransigent “cut”, similar to the technique of photomontage, there is a desire to recreate the image, to give birth to a new story and to bring back all the primary vibration of the raw material. These collages are made of a selection of images gathered from old magazines. They are born from an unsuspected connection between several images, between patterns and colours. More than just formal, these associations are dictated by an immediate sensation, and reflect the challenging paradox of its practice. In fact, the choices that act in the treatment of these fragments refer to their own privacy, even when she manipulates anonymous images, seemingly distant. By banishing the looks and faces of her compositions, she preserves a certain neutrality, a freedom of interpretation, which voluntarily leaves an open space for anyone who wants to be included in it. It is this desire for universality that gives birth to the narrative and to the memory of the artist’s collages.

For the Imago Lisboa festival, Katrien de Blauwer imposes a new scale and proposes an unprecedented formula for the photographic enlargement of her original collages, which are afterwards repainted with solid colour. Once again, lets forget the question of gender, its reproducibility or its uniqueness, because the strength of the proposition is embodied in the non-discriminatory reuse of the elements that compose the work. It is simultaneously surface, collage, painting and photography. Sébastien Borderie

LIZA AMBROSSIO / THE RAGE OF DEVOTION

Page 52

Some time ago I decided to change my life in the most extraordinary possible way. I looked inward and unintentionally remembered the phrase my mother told me the last time I saw her when I was sixteen years old – “I wish you well, and believe me, I hope you’ll become strong and brave, so you can be merciless when the time comes to destroy your body and crush your soul the next time we see each other”. After an overwhelming emotional breakdown, I began this series of images intermingling with pictorial canvases and photographs from my family archive to invite the observers to immerse themselves in my psychology. “The rage of devotion” is a voodoo project capable of reconstructing a part of the personal and contemporary history of many women willing to emancipate themselves from the social structures that have been predisposed to them. Through the written narrative, exercises of psychological manipulation, counter spells, self-portraits and associations of images developed from adolescence to adulthood, Ambrossio builds a representative narrative of the history of her own madness and the

reflection of chaos in her home country. Her work is the response to a curse by her mother, it implies an extensive investigation of her ancestors and reveals that the women in her family have practiced witchcraft with the desire to harm other women. Witchcraft is also a form of psychological defense against some symbols of machismo, but over time has degraded, in the case of her family into madness, depression and schizophrenia. The effects come from the syndrome of the bad mother investigated by psychoanalysis and inherited epigenetically. In her images women are represented as immortal and immoral beings with supernatural powers, who mark their personal symbolism through masks, eyes, spiders, water, blood and fire. They are intelligent and distressing. While men seem to always be at risk. In Ambrossio’s stories, the feminine is threatening because it seduces and in the poetics of its seduction it devours. Liza Ambrossio

NYDIA BLAS / THE GIRLS WHO SPUN GOLD

Page 56

After observing a lack of space and community for teen girls of African descent in Ithaca, N.Y. I began a Girl Empowerment Group. My goal was to create a space where an amazing group of girls I had developed relationships with felt valued, supported, and that filled in the blanks where their formal education did not serve them. We read books that pertained to their lives and experiences, we deconstructed rap videos, we kept journals, and they danced and performed at local events. We threw chaperoned parties for bored teenagers in the community and traveled to Harlem to visit the Schomburg Center for Research in Black Culture and attend the Kwanzaa Celebration at the Apollo Theatre. Amidst the fun and activities, what moved me the most were our conversations about self-esteem, their motivations to grow and move forward in life, and the exchange of knowledge in an intimate space. Eventually our bonds were reproduced visually in the photographs that we worked to make together.

I delicately weave a stories of circumstance and magic—inspired by these girls and my time with them—and use my work to create a physical and allegorical space presented through a Black feminine lens. It is impossible to do this without exposing the constructs of sexuality, gender, and race that are historically based on pervasive and distorted European standards. It is a slippery slope between acknowledging the way society ignores, limits, and values you and working outside of these confines to create realistic and complicated ways of seeing and looking at oneself that are empowering and propel people forward into new narratives. How do you do this when the very body you reside in is in opposition to what is deemed normal, proper, and worthy of protection? My work destabilizes far outdated but very real constructs by spinning a counter-narrative as visual evidence of alternative spaces created by the subjects themselves—to reclaim their bodies for their own exploration, discovery and understanding.

I am drawn to matters of sexuality and intimacy, working intuitively to create images that have the ability to be both esoteric and resonate with those on the periphery. This instinctiveness is an amalgamation of my lived experience, popular Black culture, film and folklore. The result is an environment imbued with a sense of magical realism that is dependent upon the belief that alchemy takes place in the tangible world. And that in order to navigate often-harsh realities of circumstance and maintain resiliency, a magical outlook is necessary. In this space, props function as extensions of the body, costumes as markers of identity, and gestures/actions reveal the performance, celebration, discovery and confrontation involved in self-definition within pre-existing structures.

The very bodies that we are born into inherently carry histories, stereotypes, and sometimes grave consequences such as violence and death. Historically photography has been used as a tool to shape and reshape popular discourse, dominant ideology, and beliefs about groups of people over time. There is a need to create new spaces that reflect the complicated ways that we see and understand ourselves. Nydia Blas

LAURENCE RASTI / THERE ARE NO HOMOSEXUALS IN IRAN (2014-2016)
Page 60

Speaking at Columbia University on September 24, 2007, Iranian president at the time Mahmoud Ahmadinejad proclaimed: “In Iran, we do not have homosexuals like in your country.”

While most Western nations now officially accept homosexuality and some even same-sex marriage, homosexuality is still punishable by death in Iran. Homosexuals are not allowed to live out their sexuality there. Their only options are either to choose transsexuality, which is tolerated by law but considered pathological, or to flee.

In Denizli, a city in Turkey, hundreds of gay Iranians are stuck in a transit zone, their lives on hold, hoping against hope to be welcomed into a host country someday where they can start afresh and come out of the closet. Set in this state of limbo, where anonymity is the best protection, my photographs explore the sensitive concepts of identity and gender and seek to restore to each of these men and women the face their country stole from them. Laurence Rasti

VIRGINIE REBETEZ / MALLEUS MALEFICARUM
Page 64

Virginie Rebetez takes on a photographic investigation of mediums and healers, common in the catholic region of Fribourg (CH) and well rooted in the culture, learning about their identity and practice, as she places them in a broader historical context of witch hunting. “Malleus Maleficarum” is perhaps Rebetez’s

most ambitious and daring effort to explore the space between visible and invisible, to reimagine and reconsider the story in a fresh way. The past is brought in through the figure of Claude Bergier who was accused of witchcrafting and burnt at the stake in 1628, in Fribourg. Rebetez brings back Bergier through mediumistic readings, then giving a voice to an absent person. Exploring presences and absences, she presents the possibility of alternative narratives, visually mapping bridges between people and places separated from time and space: bringing them together and transmitting their stories in polyphonic photographic frames. Elisa Rusca

BUILDING BRIDGES

AUGUSTO BRÁZIO / SOPÉ
Page 70

SOPÉ, represents the first chapter of the project Viagens na minha terra. It is a work in progress in which the author tries to map a geography of the unknown, of the unexpected, of what is beyond the normalised representation in which Portugal is presented to us through the media.

These are images that break the borders of the tourist promotion postcard and share a rude reality with the spectator. Images of a deep Portugal, which only becomes a news target in times of catastrophe. Empty spaces, synonym of desertification that corrodes the interior of the country.

The author acts as a sort of visual detective, which follows the evidences of unusual experiences and ghostly scenarios which, little by little, build a trail from where a rude reality emerges, the kind that can not leave the spectator indifferent.

By using faces, landscapes and abandoned places, the author reflects on the identity of a deep Portugal. These are photographs that embody the vicissitudes of interiority, desertification and the consequences of the abandonment of the territories. Images that apply for the construction of a mental geography of the country. Augusto Brázio

LUÍSA FERREIRA / NO LIMITE
Page 74

Plastic material, net value

In the spring of 2004 I witnessed the first discharges from the Alqueva dam as I was crossing the Alentejo in search of football fields for the fora de jogo (offside) project. It was the great strength of the water, powered by engineering.

When I began to see plastics in suburban gardens, I was disturbed, but then I began to realise that glowing cds scared off birds and other predators, drums served to collect water for irrigation, and carboys to transport and store it. Sustainability, easy use, new design?

However, scientists argue that plastics should not be reused to keep water because they gradually release micro particles into the liquid. And the sea is already full of plastics, sea animals are swallowing - or being swallowed by - plastic ...

No limite is a series about how to collect and store water in vegetable gardens and farmlands, a palimpsest of temporary or permanent landscape installations. While an old well, built of stone, brings us the spirit of the place, the plastics in the gardens take us to the present time of recycling and water scarcity.

Part of this photographic series integrates the project Orla da Cidade.

PEDRO LETRIA / THE CLUB

Page 78

“I think that the feeling transmitted by fiction is no less authentic, pungent and lasting than what the best journalism is able to document” - Pedro Letria

The Club is an experiential journey through the Portuguese Social Clubs in Providence, Rhode Island, in the United States of America; a journey where photography and writing are the primary actions. Throughout his career, Pedro Letria observes his own displacement as a Portuguese citizen in the United States, over the many manifestations of Portuguese immigrants in their spaces of community sharing.

SÃO TRINDADE / FRIDAY NIGHT, SATURDAY MORNING

Page 82

I have already stitched up the wound. I've gone over oblivion and I have travelled to the moon with my cat. I was Lady Godiva, I was Eva, I was many more.

The themes of my artwork come from my personal experience. From everything I see and feel and everything I love and lose, self-representation is a constant. It is about survival, and it intersects many personal references in other media, from literature and film to drawing and painting, music and photography.

Photography is my chosen medium. I'm interested in its ambiguity, its apparent connection with reality. Yet, there's a whole process behind the final outcome of every photo. I've made an astronaut suit, I've built a model horse, I've moulded an ear. Then, there's an enactment in front of the camera and the next stage is the editing of the captured images.

I like to link images as if I was constructing a narrative, but its order can be changed and thus the story is a different one.

Besides photography, I work on artist books using several different techniques. It is there that sometimes the seeds of my photographic body of work are sown.

**FICHA TÉCNICA
IMPRINT**

ORGANIZAÇÃO / ORGANIZATION
Cedilhas e Legendas - associação cultural
contact@imagolisboa.pt
www.imagolisboa.pt

DIREÇÃO:
Rui Prata
Luísa Ferreira
Sónia Galiza
COORDENAÇÃO / COORDITATION
Rui Prata
CURADORES / CURATORS
Alejandro Castellote
Elina Heikka
Nathalie Herschdorfer
Peggy Sue Amison
Rui Prata

TRADUÇÕES (POR/ING)
Ana Patrícia Gomes

DESENHO / DESIGN
New Photo Ry
RE DESENHO / RE DESIGN
Bernhard Winkler

DESENHO GRÁFICO / GRAPHIC DESIGNER
Elisa Schmid
Friederike Hofmann

IMPRESSÃO / PRINTING
Graficá Vilaverdense

ISBN - 978-989-209839

www.imagolisboa.pt

CARPINTARIA / CHARPENTER
Warehouse
ELECTRICIDADE / ELECTRICITY
Filipe Dominguez
MONTAGEM / HANGING TEAM
Alexandre Almeida
Fábio Cunha
João Henriques
João Loureiro

COORDENAÇÃO DA LEITURA DE PORTFOLIOS /
PORTFOLIO REVIEW COORDINATION
Susana Paiva

IMPRESSÃO DE FOTOGÁFICA / LAB PRINT
Black Box Atelier

FOTOGRAFIA / PHOTOGRAPHY
Hugo David

WEBMASTER
Hugo Santos

COMUNICAÇÃO / COMMUNICATION
Nica Paixão

REDES SOCIAIS / SOCIAL NETWORKS
Onerva Heikka

parceiros PARTNERS

Parceiros / Partners



Apoio à Produção / Production Partners



PATROCÍNIOS SPONSORS

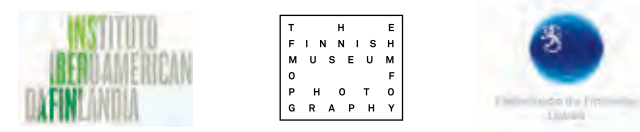
Patrocinadores Institucionais / Institutional Sponsors



Patrocinadores / Sponsors



Parceiros Institucionais / Institutional Partners



agradecimentos

THANKS

Catarina Vaz Pinto
Manuel Pizarro
Jorge Ramos de Carvalho
Alexandra Sabino
Isabel Niny
Margarida Rodrigues
Sofia Oliveira Dias
Teresa Oliveira
Marcos Sá
Mariana Castro Henriques
Katriina Pirnes
Alda Galsterer
Fernando Belo
Patrícia Craveiro Lopes
Davide Vicente
Helena Gonçalves
Álvaro Teixeira
Christian Dvorak
Bernhard Winkler
Elisa Schmid
Friederike Hofmann
Adriana Freire
Miguel Ângelo da Silva
Fernando Pereira
Vitor Castanheira
Sebastião Botton
Tomás Jara
André Roma
Carlos Fontes
Álvaro Silva
E todos os que contribuíram
para esta edição /
and all who contributes
to this edition